

o último conjurado

isabel ricardo

Este livro não segue as normas do novo Acordo Ortográfico



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Dedico este livro ao punhado de conjurados que, armados da sua coragem e arriscando a vida, libertaram a nossa pátria do jugo estrangeiro, no dia 1 de Dezembro de 1640. Pouco se fala do seu abençoado feito, mas se não fosse a sua audácia, o seu patriotismo, jamais teria havido 25 de Abril...

Presto assim a minha homenagem a todos eles e aos seus descendentes.

Se não fosse esse grupinho de valentes, a esta hora estaríamos todos a falar castelhano!...

Isabel Ricardo

LOCAIS
~da~
NARRATIVA

LISBOA



Lisboa

Almada

Vila Viçosa

Madrid



CAPÍTULO I

*Maldito seja o cardeal
Que não apontou sucessor
Deixando, assim, Portugal
Envolto em lágrimas e dor.*

Corria o ano de 1639, da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo. Há quase sessenta anos que Portugal vivia sob o domínio espanhol. Ia longe o desgraçado dia da invasão castelhana, em que a maior parte da nobreza do nosso reino quase oferecera de bandeja a pátria, em troca de meia dúzia de moedas de ouro.

Morrera D. António, Prior do Crato, em Paris, exilado, desgostoso de tanto batalhar para sacudir o jugo estrangeiro do seu querido país, sem, no entanto, o conseguir.

O povo, esse, jamais esquecera o seu amado Prior do Crato, rei por apenas dois meses e a última esperança para a tão preciosa independência. Cioso desta, sempre detestou a agregação do nosso reino ao de Castela, alimentando o rancor pelos nobres, por estes nunca terem feito nada para modificarem aquela situação.

Com a subida ao trono de Filipe IV, em 1621, e do seu odioso ministro, o conde-duque Olivares, o descontentamento tornou-se geral. Este poderoso ministro, que votava um ódio irracional a Portugal, adoptou uma política de dureza e tomou medidas que desagradaram profundamente aos portugueses. Choviam impostos em cima de impostos e o povo não os queria pagar, pois sabia estar a contribuir para despesas alheias. O conde-duque desejava, com tantos impostos e humilhações, pôr Portugal de rastos, para depois o poder subjugar pela força das armas, reduzindo-o

a uma simples província de Espanha. O seu desejo era esse: transformar Espanha num só país, com leis únicas e, assim, tirar a autonomia a Portugal e à Catalunha.

Indo contra os foros do reino jurados pelo primeiro Filipe, segundo de Espanha, entraram oficiais e tropas castelhanas no nosso país, com o pretexto de defenderem a costa contra os corsários ingleses, porque a Espanha estava envolvida na Guerra dos Trinta Anos, guerreando-se com França, Inglaterra e Holanda.

Outra das medidas impopulares do conde-duque foi o recrutamento forçado das nossas tropas para combaterem nessa guerra.

Com o passar dos anos, a reacção contra o domínio espanhol foi-se tornando cada vez maior, como uma bola de neve, até se tornar numa perigosa avalanche.

O povo começou a revoltar-se a partir de 1623. Os motins sucediam-se uns aos outros, devido a novos impostos e a outros problemas, e o mais perigoso foi o de Évora. Nessa altura, o povo não recebeu ajuda alguma do clero nem da nobreza, que apenas procuraram acalmar os ânimos, receosos das medidas que o governo de Madrid iria fazer cair sobre Évora, o que não tardou a acontecer... O povo revoltou-se contra eles, desta vez sem razão, pois a maioria do alto clero e da nobreza compartilhavam do mesmo sentimento: o desejo pela tão ambicionada independência.

Na altura em que a nossa história se desenrola era vice-rainha de Portugal, Margarida, duquesa de Mântua e prima de Filipe IV, e os portugueses nada tinham a apontar-lhe, pelo contrário, até gostavam dela, por ser amável e muito religiosa. Para secretário de Estado foi escolhido o odiado e detestado Miguel de Vasconcelos, que conseguia inventar os impostos mais injustos imaginados, para angariar mais e mais dinheiro para Madrid. Servil adulator do conde-duque, Vasconcelos odiava e humilhava igualmente a nobreza, o clero e o povo, semeando ódios e rancores. A sua nomeação dera-se em 1635, pouco tempo depois da de Margarida, e houve grande irritação dos ânimos de toda a gente. Os impostos que até ali tinham sido pesadíssimos tornaram-se exorbitantes.

O dia estava chuvoso, mas, de tempos a tempos, o Sol espreitava, um pouco tímido, como se estivesse a jogar às escondidas. Havia um grande alarido numa parte bem conhecida da bonita e airosa Lisboa. Soldados castelhanos extremamente irritados, não só com a chuva, mas principalmente pelo motivo por que se encontravam ali, mexiam-se de um lado

para o outro, interrogando os habitantes e invadindo-lhes as casas, sem cerimónia alguma.

— *Quiero ese enmascarado preso hoy! Él fué visto por aquí y no estará muy lejos. El ministro me dio orden para matarlo, si resistir a la prisión* — afirmou o capitão dos soldados, cujo bigode farfalhudo tremia de nervosismo cada vez que falava. Era alto e ruivo, de feitio irritadiço, e empurrava, impaciente, quem lhe surgia à frente.

Um grupo de populares rodeava-os, indignados com a confusão e refileando com eles.

— Já lhes dissemos mil vezes que o capitão Gualdim não está aqui! O que é que ele fez desta vez? — perguntou uma mulher baixa e robusta, em ar de desafio.

Um soldado português voltou-se para ela e disse a meia voz, com os cantos da boca tremendo, como se tivesse uma imensa vontade de rir:

— O capitão Gualdim ontem fez uma emboscada a Vasconcelos quando ele se ia deitar. Deixou-lhe espetada na almofada da cama uma mensagem com ameaças terríveis e o ministro está doido de raiva...

Os olhos das pessoas brilharam de prazer e reconhecimento.

Um velho, todo vergado pelo peso dos quase noventa anos e cabelos brancos como a neve, levantou a mão trémula ao céu. A luz que tinha nos olhos denunciava bem a vida que no corpo lhe faltava.

— Um dia, D. Sebastião há-de voltar no seu cavalo branco para arrancar o país desta escória que nos governa!

Os outros concordaram com ele, mais por respeito do que por outra coisa. Bem sabiam o quanto era impossível o que o velho dizia. D. Sebastião, se ainda estivesse vivo, devia estar tão idoso quanto ele; mas o sentimento é que contava...

Naquele tempo ainda havia uma grande parte da população que acreditava que o rei desaparecido em Alcácer Quibir, em 1578, voltaria numa manhã de nevoeiro, tão jovem quanto partira, para libertar Portugal dos espanhóis. Os jesuítas, sobretudo, faziam do sebastianismo uma arma perigosa, pois alimentavam, assim, as esperanças da população na restauração de Portugal. Desconfiava-se deles nos motins de Évora, na tão falada revolta do Manuelinho, pois eles eram inimigos mortais do domínio espanhol e havia razão nessas desconfianças. Os eclesiásticos tentavam excitar o povo contra os espanhóis, de todas as maneiras possíveis. Apesar da rivalidade existente entre Jesuítas e Dominicanos, ambas as ordens haviam achado por bem trabalharem em conjunto na restauração da pátria. Recorrendo a profecias e com o auxílio do sebastianismo, pressagiavam

a queda do domínio espanhol e o regresso de um rei português, D. João, duque de Bragança, que os mais crédulos acreditavam ter sido encarnado pelo desditoso D. Sebastião.

Entretanto, os soldados continuavam a revistar as casas, atirando com tudo o que encontravam para a rua, tal era a raiva por não acharem quem procuravam com tanto ardor.

De repente, ouviram-se os cascos de um cavalo no empedrado da rua. Os soldados não prestaram atenção e continuaram a espreitar por todos os cantos capazes de esconder uma pessoa.

Uma rapariguinha voltou-se para trás ao mesmo tempo que uma velhota e quando a primeira se preparava para soltar um grito de entusiasmo, a segunda tapou-lhe a boca, também ela com um grande sorriso na boca desdentada.

— Ei! Ei! De quem é que andam à procura? Não é de mim, com certeza! — gritou uma voz insolente, seguida de uma gargalhada trocista. A sua voz era grave e bem timbrada.

Os soldados voltaram-se, dando de caras com a descarada personagem que tanto procuravam.

O capitão Gualdim, como ele próprio se intitulava, era delgado e não muito alto. Aparentava ser bastante jovem, talvez na casa dos vinte anos, impetuosos e provocadores. Vestia com elegância um fato de veludo negro, cujas golas arrendadas brancas caíam sobre o peito. Uma magnífica espada, de copos de ferro artisticamente trabalhados, pendia-lhe do boldrié de veludo bordado a ouro. Sobre o lado esquerdo do peito brilhava uma cruz de ouro com o brasão português e as quinas estavam representadas por pedras preciosas. As mãos cobertas com luvas pretas e os punhos brancos da camisa surgiam cheios de renda, como era costume naquela época. Na cabeça tapada totalmente por uma máscara da cor do fato, tinha um chapéu de feltro mole e de abas largas, somente adornado por uma bela pluma branca presa por um travessão de ouro. O rosto, parcialmente coberto com a máscara, deixava ver o bigode muito fino e elegante, formando uma linha recta, sobre uma boca de linhas bem pronunciadas e de lábios vermelhos carnudos, que fariam inveja à mais bela mulher do reino. Pelos contornos da máscara notava-se um nariz bem feito e quem observasse com atenção veria uns olhos azuis, que naquela precisa altura tinham uma expressão trocista. A pele do rosto e do pescoço era branca. Nos pés, umas botas de couro macio, de canos largos e dobradas sobre os joelhos, a dar com o resto da roupa. Para completar a indumentária do estranho cavaleiro, uma capa de veludo, escura como a noite, pendia-lhe dos ombros, presa por al-

finetes de ouro. Vinha montado num cavalo puro-sangue árabe, preto, de belo porte e maneiras majestosas. Cavaleiro e cavalo formavam um todo, tornando quase impossível imaginá-los separados um do outro.

— *Agarrenlo! No lo dejen escapar, por vuestras vidas!*

Os soldados lançaram-se sobre ele, mas este desviou-se, com um sorriso impertinente, e desembainhou a espada. Esta brilhou, reflectindo um raio de Sol, encandeando o primeiro homem que lhe surgiu à frente. Aproveitando aquela vantagem, desferiu-lhe uma estocada a fundo no braço que pegava na espada, obrigando-o a largá-la.

Em pouco mais de cinco minutos, já o excelente espadachim desarmara todos os soldados, ferindo-os superficialmente, singularmente no mesmo sítio: o braço que segurava a arma.

A gente que ali se juntara observava, entusiasmada, a valentia do cavaleiro, voltando-se para um lado e para o outro, como mil demónios, desferindo golpes a torto e a direito. O cavalo parecia adivinhar-lhe os pensamentos e os movimentos seguintes, pois dava voltas e caracoleios, infatigável, virando-se sempre no momento propício.

Sanchez, assim se chamava o capitão espanhol, parecia soltar fogo pelas ventas. O rosto, habitualmente avermelhado, estava de um roxo que até metia impressão. Os lábios brancos de raiva davam-lhe um aspecto ainda mais estranho. Tentou pegar na espada caída no chão, mas de novo o mascarado lho impediu, ferindo-o no outro braço.

— *Maldito! Un rayo le caiga en cima, insolente!*

Um sorriso irónico aflorou aos lábios de Gualdim, deixando ver uns dentes brancos. De uma maneira tão insolente como elegante, tirou o chapéu, cuja pluma quase varreu o chão.

— Às vossas ordens, capitão Sanchez. Espero que ainda voltemos a nos encontrar e desta vez com uma melhor disposição da vossa parte... Agora, se não desse muito trabalho a vossa mercê, gostaria de vos aliviar dessa bolsa que aí tendes à cintura; presumo ter sido resultado de mais um imposto mirabolante arrancado aos meus amigos...

O capitão estremeceu de fúria e, apesar dos ferimentos, tentou sacar a pistola. Rápido que nem um relâmpago, o mascarado tirou da bota um punhal de lâmina reluzente e lançou-o com uma firmeza assombrosa, indo espetar-se no braço direito do espanhol. Este empalideceu e levou a mão ao braço ferido, largando a pistola. Os dedos abriam-se dolorosamente, sem os conseguir controlar.

— Agora, se já vos fartastes de brincar, Sanchez, agradecia que fizésseis o que vos pedi com todas as boas maneiras que me ensinaram...

Sanchez lançou-lhe um olhar capaz de aterrorizar um leão feroz, mas que não teve efeito algum no inimigo.

— *A partir de hoy, señor enmascarado, tenéis un enemigo mortal para toda la vida y le juro que descubriré vuestra verdadera identidad y ay!, de vos cuando lo consiga!* — ameaçou, estendendo-lhe a bolsa, com uma expressão dolorosa no rosto largo.

O cavaleiro soltou um risinho trocista.

— Declaro a vossa mercê que já não dormirei nada descansado esta noite!

O capitão e os seus soldados afastaram-se, mais feridos no orgulho do que na carne. Sentiam-se humilhadíssimos por terem sido derrotados por um único homem, apesar de este ser o terror dos mais temidos.

Quando desapareceram de vista, o povo juntou-se à volta do misterioso cavaleiro, dando-lhe vivas.

Ele sorriu e atirou-lhes a bolsa recheada de moedas de ouro.

— Tomem e distribuam por todos vós. É um presente do nosso querido ministro! — disse, com uma gargalhada irónica.

As pessoas riram-se e as expressões dos seus rostos demonstravam a mais completa adoração pelo desconhecido.

— Até à vista, amigos! — despediu-se Gualdim, sacudindo levemente as rédeas. Com um aceno de despedida, desapareceu tão misteriosamente como surgira.

— Quem é que ajudou desta vez o capitão Gualdim a esconder-se dos soldados? — inquiriu um homem barbudo, interrogando com os olhos as outras pessoas.

— Acho que foi o padre Nicolau que lhe deu abrigo na igreja... — respondeu um outro, com um sorriso de contentamento. — Agora, vamos distribuir o presente do nosso querido capitão Gualdim!

Passadas umas horas, algures num gabinete do Palácio da Ribeira, dois homens conversavam, com ar conspirador, e um deles tinha um braço ao peito.

— Temos de descobrir a verdadeira identidade desse mascarado. De certo é um dos nobres que me desafiam a todo o momento... — comentou um indivíduo, engolindo de um só trago um cálice de licor verde. Passou a língua pelos lábios, deliciado. A expressão fria e cruel dos olhos contrariava a da boca.

— *Las personas lo esconden, ministro, y hasta los padres lo hacen.*

Miguel de Vasconcelos ficou pensativo.

— Tal como o fizeram com o Prior do Crato. Conseguiu estar escondi-

do em Portugal um ror de meses até partir para o exílio. E nunca se soube quem o escondia, por mais dinheiro que se oferecesse para o denunciarem. Maldito! Se o pudesse ter nas minhas mãos!

Sanchez tremeu de cólera, compartilhando o mesmo sentimento.

— *Se sospecha que ese insolente estuvo envuelto en los motines de Évora... Lo vieron también distribuir los versos del Bandarra. Pero, se escapó siempre de las mallas de la ley.*

Este era célebre pelos seus versos, que podiam ser interpretados de diversas formas, pois eram muito vagos. Falavam de um salvador que apareceria encoberto. Embora este sapateiro de Trancoso os tivesse escrito antes do nascimento do próprio D. Sebastião, o povo pensava que se referiam a ele. Achavam que Bandarra conseguira ver o futuro.

— Tenho de avisar Olivares do perigo que este mascarado representa para o reino. Daria tudo para o ter preso diante de mim, poder arrançar-lhe a maldita máscara e ver com os meus próprios olhos quem ele é. Você que o viu de perto, tem a certeza que não poderá ser o duque de Bragança disfarçado?

O soldado abanou a cabeça com firmeza.

— *No! No, señor! Éste caballero es muy joven y totalmente diferente del duque. Además él está en Villa Viciosa.*

O ministro cofiou a barba, contrariado.

— Que pena! Se fosse ele o mascarado, poupar-nos-ia muitas preocupações. Tínhamo-lo na mão. Mas o duque é demasiado prudente para se meter numa coisa dessas. Nem lhe passaria pela cabeça!

— *Si, señor. Soy de la misma opinión.*

O ódio que a população em geral votava ao ministro em parte era por ser filho do já falecido Pedro Barbosa, jurisconsulto estudioso e talentoso e o mais espanholado dos portugueses, que justificara com todos os argumentos possíveis a invasão castelhana, conseguindo, assim, o ódio e o rancor do povo e da nobreza — transformara-se no instrumento de vingança dos castelhanos. Acabou por ser assassinado de forma misteriosa, por espada desconhecida.

Miguel de Vasconcelos era um ambicioso sem escrúpulos, azedo, maldoso e vingativo, tal como o seu pai. Herdara-lhe o talento, a energia e o carácter estudioso. Nunca esquecer a humilhação que passara com a morte pouco honrosa do progenitor. Recordava-se bem do dia em que o povo furioso partira os vidros de sua casa, às pedradas, obrigando o seu pai a fugir pelos telhados. O seu desejo de vingança era desmedido. Com os vexames que fazia a população passar,

principalmente a nobreza, esperava esquecer e, quiçá, consolar-se das injúrias feitas a si e a seu pai.

— Pode retirar-se, Sanchez. Quando se restabelecer, quero que me descubra o mascarado e os seus encobridores. Esmagá-lo-ei com as minhas próprias mãos! — declarou, fechando a mão com fúria. Levou novo cálice aos lábios e engoliu o líquido de um só trago. Um dos muitos defeitos desta personagem era o vício da bebida. — Quero esse homem vivo ou morto, mas quero-o à minha frente!

Entretanto, não muito longe dali, o mascarado tirava a máscara, mostrando totalmente o rosto, e sorria, misteriosamente...

CAPÍTULO II

*Gualdim é o seu nome
Destemido mascarado
Ao povo mata a fome
Ao ministro deixa preocupado.*

— **N**ão me bata mais, senhor! Por favor, senhor, perdoe-me!
Não me bata mais!
Um rapaz de dezoito anos, baixo e esguio, de cabelo escuro encaracolado berrava como um possesso. Estava amarrado a um poste de madeira, que normalmente servia para prender as rédeas dos cavalos. Encontrava-se diante de uma taberna escura, de mau aspecto, com muitos cheiros à mistura, entre eles o do chouriço assado nas brasas e vinho entornado. Não primava pela limpeza. Uma tabuleta ferrugenta permitia que os transeuntes se apercebessem de que estabelecimento se tratava.

Quem lhe batia era baixo e atarracado, gordo, de cabelo escorrido e oleoso e olhar traiçoeiro. Taberneiro de muito má fama, avaro e amigo de trair o próximo por duas patacas, era conhecido do povo o seu empenho em servir a coroa espanhola, tratando de informar aos capachos do ministro português o que fulano ou beltrano dissera a respeito dele, para conseguir proveitos a seu favor. Por isso a freguesia era escassa e quem lá ia tratava de permanecer de bico calado, senão, quando menos esperasse, encontrar-se-ia preso no castelo de São Jorge, como já a muitos infelizes acontecera.

— Maldito! — gritou o taberneiro, com um olhar cheio de raiva. A expressão do rosto revelava a crueldade e a mesquinhez de carácter. Chi-

coteava o jovem com satisfação e ar sádico. Voltou a deixar cair a chibata sobre o corpo indefeso.

Um grito de dor sucedeu à pancada.

Alguma gente já ali se juntara, atraída pelos gritos doloridos de alguém. Tentavam saber qual a razão para haver tal cena, mas ninguém sabia responder e também não se atreviam a interferir no assunto, sabendo dos contactos que o avarento tinha com as autoridades.

— O que fez o rapaz para o taberneiro lhe bater desta maneira? — perguntou um homem, de farfalhudo bigode. Olhava para outro, que chegara primeiro ao local.

O interpelado encolheu os ombros.

Uma mulher de lenço preto na cabeça e cesto de limões enfiado no braço observava a cena, contristada.

— Coitado! Mas o que foi que ele fez?

Ninguém sabia responder.

Uma carroça carregada de tonéis passou pela taberna, tendo de abrir caminho entre toda aquela gente curiosa. O condutor mastigava um palito, com ar aparvalhado, talvez de tanto carregar e beber o vinho daqueles recipientes. Arregalou os olhos ao observar a cena, esquecendo-se de trincar o que tinha na boca. Um sorriso maldoso fez ver poucos dentes, quase todos apodrecidos.

— Barnabé, o que é que o rapazola lhe fez? Roubou-lhe a mulher?

E o condutor da carroça soltou uma gargalhadinha divertida, quase engolindo o palito.

Só então o taberneiro se apercebeu de que estava a ser alvo das atenções gerais. Virou-se, colérico, colocando as mãos na gorda cintura.

— O diabo te carregue, Jeremias! Este bandido! É um ladrão! Dei-lhe metade de um pão para comer durante o dia, como faço com os outros criados, pois toda a gente sabe que não sou rico e a vida não está para graças, e não é que dei pela falta da outra metade do pão?! Além de ladrão, é glutão! — declarou, continuando a bater no rapaz, que, a cada chibatada, soltava gritos capazes de comover pedras.

— Ai! Ai! Eu tinha fome, senhor! Ai, não me bata mais, por Deus! Por favor, tende piedade de mim! Só roubei porque tinha fome...

O avarento arregaçou as mangas da camisa, já a suar do esforço. Os calções de pano grosso atados por baixo dos joelhos davam-lhe um ar muito ridículo e os sapatorros com grandes laços não ajudavam muito. Parecia um porco pronto para a matança. O infeliz tentava imitar os elegantes que via, mas em vão. O resultado era sempre uma desgraça...

— Ah, ladrão! Seu bandido! E Deus não é para aqui chamado! Deixa-O estar descansado onde quer que esteja.

— Solte o rapaz, Barnabé!

— Sim, deixe-o! O garoto devia estar com muita fome e quem rouba para comer merece perdão! — gritou um homem magro, brandindo uma rústica bengala.

— Deixe-o em paz! Já deve ter aprendido a lição.

O taberneiro virou-se, de sobrolho carregado. Pôs a mão na cintura, provocador.

— Solto-o, uma ova! Vai ser castigado por me ter roubado o pão! Metam-se mas é na vossa vida!

O povo entreolhou-se.

— Não podemos fazer nada. O rapaz é criado dele — observou um velho, olhando para uma mulher ainda jovem que tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Maldito seja! Se tivéssemos um rei português, não se permitiriam estes abusos! Diabos levem os Filipes e seus lacaios!

Os outros estremeceram e olharam em volta, receosos.

— Cala-te, Berta! Sabes bem que há ouvidos por toda a parte!

Naquela época havia uma imensidão de espíões ao serviço do rei espanhol. Além das patrulhas nocturnas, impedindo qualquer reunião de tipo suspeito, as pessoas não podiam falar abertamente do que pensavam, com receio das consequências que dali adviriam. A qualquer pretexto eram presas ou então denunciadas ao Tribunal do Santo Ofício, pelos motivos mais estrambólicos. Eram tempos tenebrosos aqueles, em que o povo tinha de calar a sua dor e angústia pelo peso dos impostos e, principalmente, pela falta de um soberano português. Eram aliciados a acusar secretamente o pai ou o irmão, a esposa ou o marido... Andavam todos de coração nas mãos, apertadinho com tanto medo e terror. Pairava no ar uma conspiração silenciosa entre todos os portugueses contra a coroa espanhola. Parecia um barril de pólvora prestes a explodir à primeira faísca riscada por alguém. Seria uma reacção em cadeia o primeiro que soltasse o grito da revolta, ecoando por todos os cantos do país, em todos os corações, em todas as vozes o brado da independência.

O taberneiro continuava a bater no criado, impiedosamente.

Naquele momento, surgiu um cavaleiro todo vestido de negro, montado num cavalo. À ordem do dono, o animal estacou, empinando-se nas patas traseiras.

— Largue o rapaz!

Todos se voltaram ao ouvir a voz grave do mascarado. Vários pares de olhos brilharam de emoção.

— Capitão Gualdim!

Barnabé estremeceu. Tinha ordens para avisar as autoridades sempre que visse a misteriosa personagem que fazia a vida negra ao ministro e seus comparsas. Só que o terror que lhe tinha também era muito. Por fim, decidiu-se pelo medo que sentia das torpes vinganças de Miguel de Vasconcelos. Fez sinal a uma mulher que espreitava do lado de dentro da taberna.

Virou-se, mais descansado, pois esperava ajuda rapidamente.

— O fidalgo não se meta onde não é chamado! Isto é um assunto que tem de ser resolvido entre mim e este bandido!

O cavaleiro aproximou-se mais do outro homem, que começou a tremer que nem varas verdes, cobarde como todos os fanfarrões.

— Isso é o que você pensa. Ou deixa de bater no rapaz ou, juro por Deus!, trespasso-o imediatamente com a minha espada!

O taberneiro fitou-o em ar de desafio.

— Eu não recebo ordens de um mascarado.

Este desmontou e, de um salto, acercou-se dele. Arrancou-lhe a chibata das mãos e desembainhou a espada, encostando-lha ao pescoço.

Barnabé recuava, assustado com a expressão do outro, que, mau-grado seu, manejava a espada na perfeição.

— Pronto, pronto, senhor fidalgo! Olhe que pode magoar-se com essa espada nas mãos! Não se altere!

O rapazola observava a cena, boquiaberto. Nunca antes vira o enigmático cavaleiro. Já nem sentia as dores do corpo, tal era a emoção que o dominava.

As pessoas observavam tudo, quase sem respirar. Sempre que o capitão Gualdim fazia uma das suas misteriosas aparições, era como se houvesse magia no ar. Todos pareciam viver o mesmo sonho, maravilhoso e emocionante.

— O que fez o pobre rapaz para o castigar desta maneira? Gostava que eu lhe fizesse o mesmo com a minha espada? — inquiriu o justiceiro, com os olhos brilhando ameaçadoramente. Com a ponta da lâmina fez-lhe um corte superficial no pescoço.

O taberneiro soltou um grito de horror. Pela sua cabeça passaram mil horríveis imagens, entre elas a do mascarado cortando-o às postas fininhas, com ar maquiavélico. Recuou, violentamente, contra a parede. Aterrorizado, os olhos reviravam-se-lhe de uma maneira esquisita. De bran-

co, passou a esverdeado, enquanto o diabo esfrega um olho. Tentou recuar ainda mais, só que a parede não lhe acompanhava o passo. Curiosamente, metera-se entre a espada e a parede...

— Ó, senhor fidalgo... esse rapaz é um ladrão... e um comilão! Saiba vossa senhoria que me roubou metade de um pão, depois de ter comido a parte que lhe cabia para um dia inteiro. Vossa majestade há-de concordar que é um bandido! Pior que um desses reles salteadores de estrada! — disse, com um suor frio escorrendo-lhe da testa. Gesticulava aflito com as mãos, como se quisesse impedir o mascarado de lhe tocar.

Gualdim dobrou a espada, demonstrando a sua flexibilidade. Depois, com a ponta do dedo enluvado, carregou na ponta da lâmina. Tinha um ar desinteressado. De repente, fez uns gestos rápidos com a espada, mesmo em frente do nariz do avaro, deixando-o sem pinga de sangue. As pernas deste fraquejaram e caiu de joelhos no chão.

O povo desatou a rir às gargalhadas, nada fazendo para disfarçar o seu contentamento por ver castigar um tão grande e nojento delator.

— Parece-me que a lâmina precisava de ser mais afiada... — observou o mascarado, com um esgar de contrariedade na boca trocista. Olhou de esguelha para o outro, sorrindo do seu pavor. Encostou-lhe de novo a espada ao pescoço, obrigando-o a levantar-se. A cara dele quase se confundia com a parede. — Sabe o que se passa, Judas de trazer por casa? É que não aprecio nada quem denuncia os companheiros. E quando isso acontece, gosto de afiar a minha lâmina nos corpos desses infelizes. É uma fraqueza minha... Que hei-de fazer?!

— Não sujeis a espada em mim, meu querido e poderoso senhor! Não mereço tamanha honra de vossa senhoria!

O capitão Gualdim soltou uma gargalhada, ao mesmo tempo que embainhava a espada. Um sorriso misterioso aflorou-lhe aos lábios. Fez-lhe uma vénia, que deixou o taberneiro desconfiado e ainda mais atemorizado.

— Pois tem muita razão. Realmente a sua reles pessoa não merece que manche a minha lâmina em tão ultrajante sangue! Terá um outro castigo que nada tem a ver com pauladas, chicotadas ou qualquer outra punição corporal...

Toda a gente se entreolhou, sem evitar um sorriso e tentando adivinhar que castigo o justiceiro reservava ao sovina e cruel Barnabé.

Um largo sorriso apareceu na cara dele, deixando ver uns dentes podres e amarelos, nunca limpos em toda a vida.

— Muito agradecido, senhor fidalgo! Vossa excelência é muito sensata e inteligente! Fazei de mim tudo o que quiserdes, poderoso senhor! Aceita-

rei o vosso castigo de bom grado! Tendes aqui um criado para o que der e vier! — exclamou, atropelando as palavras, tal era o alívio que sentia. — O senhor cavaleiro é um homem justo!

— Antes de mais nada, infame taberneiro, fica avisado que não permitirei que denuncie mais ninguém aos funcionários ao serviço da coroa espanhola, sob jura de morte, e não será uma morte agradável, posso afiançar-lhe.

Um calafrio percorreu a espinha do ordinário. Acenava afirmativamente com a cabeça, apavorado.

— Vossa excelência pode ficar descansada que não vos desobedecerei! Tendes diante de vós um criado para toda a vida!

— Pois bem, o castigo é o seguinte: durante dois meses comerá apenas metade de um pão por dia. Nem mais uma migalha! Se souber que me desobedeceu, corto-lhe o pescoço com a minha espada. Terei mil olhos que o vigiarão. Está jurado de morte e ai de si se me desobedece!

O povo soltou uma exclamação, espantado, mas, passada a surpresa, desatou a rir às gargalhadas, perante a consternação e o horror do justicado.

Até o criado deu uma gargalhada, pois sabia o quanto o patrão comia. Era uma autêntica besta!

Barnabé engoliu em seco. Torceu o avental que usava à volta da banhuda cintura e juntou as mãos, suplicante. Parecia querer desatar a chorar a qualquer momento.

— Oh, oh, meu senhor... Oh, meu senhor... não... não digais isso... um homem como eu não pode comer num dia metade dum pão... eu... morrerei de fome. Não me façais isso, excelentíssimo senhor! É um crime comer apenas meio pão.

Gualdim saltou para o cavalo, ainda com um sorriso trocista.

— Sim?! Se pensa assim, vil homem, porque castigou esse pobre desgraçado que roubou por ter fome? Pareceu-me tê-lo ouvido dizer que metade de um pão chegaria para alimentar uma pessoa durante um dia inteiro! Será que não ouvi bem?

— Não... sim... não, meu senhor... Vossa senhoria não compreende... aquele maldito criado ainda é uma criança e não come o mesmo que um homem já feito — retorquiu, aflito.

Entretanto, já alguém desamarrara o boquiaberto criado. Os seus olhos escuros pareciam querer saltar das órbitas a todo o momento. A boca escancarada de entusiasmo dava-lhe um aspecto ainda mais pitoresco. Achava o misterioso capitão Gualdim a primeira maravilha do mundo.

— Aí é que se engana, seu desalmado! Um jovem como ele precisa de se alimentar bem para se tornar um homem forte. Você, não. Você precisa de emagrecer. E aviso-o mais uma vez: não tente comer uma migalha além do que lhe compete. E bebe só água!

O taberneiro ajoelhou-se aos pés dele, mas o mascarado não teve piedade e acercou-se do rapaz que continuava encostado ao poste, mal acreditando na sua sorte.

— Como te chamas, rapaz?

— Manuel, meu senhor — respondeu, com um sorriso que lhe ia de orelha a orelha. Ajoelhou-se, respeitoso. — Muito obrigado, senhor! Nem tenho palavras para vos agradecer.

O capitão Gualdim sorriu, ajudando-o a levantar-se. Quando este se preparava para lhe beijar as mãos, retirou-as, apressadamente.

— Não faças isso. Não mereço tamanha honra. Guarda esse gesto para o nosso verdadeiro rei, e não me refiro aos usurpadores Filipes... Tenta daqui em diante ter mais cuidado a escolher os patrões para quem trabalhares.

Os olhos de Manuel brilhavam como estrelas. Acenou com a cabeça.

— Sim, sim, capitão Gualdim!

Uma carruagem fechada passou pela rua, com alguma dificuldade devido ao aglomerado de gente que ali se juntara para admirar o mascarado. Uma dama vestida de veludo grená, cheia de pedrarias no pescoço, nos pulsos e nas orelhas, afastou a cortina. Fixou, surpresa, o elegante cavaleiro e um sorriso aflorou-lhe aos lábios cheios, que não tentou esconder com o leque.

O capitão Gualdim virou-se e fez-lhe uma vénia com o chapéu de pluma, deixando a descoberto a cabeça tapada pela máscara negra.

A dama escondeu o rosto por detrás do leque, não sem antes o presentear com um sorriso. Depois, fez sinal ao cocheiro para seguir caminho.

O taberneiro parecia sonhar, com os olhos muito abertos. Quase nem se apercebia do que se passava em seu redor. O ladrar furioso de um cão sarnento retirou-o da abstracção. Interrogou-se intimamente acerca da razão por que as autoridades tardavam em aparecer.

O cavaleiro fez sinal ao rapaz para que se aproximasse. Debruçou-se sobre o cavalo e disse-lhe algumas palavras. No rosto de Manuel apareceu um sorriso prazenteiro.

— Sim, senhor. Sim... muito obrigado, capitão Gualdim. Farei o que me aconselhais e fico-vos muito agradecido! — declarou, tentando beijar-lhe novamente as mãos. Mas o mascarado, adivinhando-o, fez com que

o cavalo trotasse na direcção do taberneiro que estava num perfeito estado de desolação.

— Este rapaz já não é seu criado. Se tentar alguma coisa contra ele, terá de se haver comigo. Lembre-se do meu aviso. Vamos, *Trovão!* Adeus, amigos, e conservem sempre a esperança nos vossos corações! Quando precisarem de mim, chamem-me!

E o capitão Gualdim desapareceu a toda a brida.

Toda a gente rodeou Manuel, curiosa.

— O que foi que ele disse? O que foi?

Os olhos do jovem pareciam dois diamantes.

— Aconselhou-me a procurar trabalho numa casa.

— E onde é essa casa? A quem pertence?

Manuel quase rebentava de orgulho.

— Mandou-me ir a casa de D. Laura de Noronha!

Entreolharam-se, surpresos.

— A filha do famoso D. António de Noronha?

Uma mulher já idosa deu-lhe algumas palmadinhas carinhosas no ombro. O cabelo desgrenhado e a boca desdentada assemelhavam-na a uma bruxa, mas o olhar bondoso contrariava a expressão.

— Vais ter melhor sorte, rapaz. D. Laura é tão amiga do povo como o era o seu pai e o avô, grande amigo do Prior do Crato.

Todos concordaram. Voltaram os olhos para o taberneiro que permanecia encostado à parede, sem forças para se mexer.

— Eh, Barnabé, desta vez é que emagrece! — gritou uma voz de trovão, com tal gargalhada que até pareceu fazer estremecer o chão.

— Não se esqueça de que não pode beber vinho, só água. E é um pau!

— Que tal a dieta, Barnabé?

Algumas gargalhadas seguiram estas palavras. Manuel também soltou uma. Não sentia pena nenhuma do cruel patrão. Achava até que o castigo era demasiado leve; na sua opinião devia ser posto a pão e água, pelo menos, durante ano e meio...

O traidor saiu da sua abstracção e deu um passo em frente, zangado.

— Fora daqui, malditos! Vampiros! Vão tratar da vossa vida e deixem a minha em paz! Voltem para as vossas casas, que lá devem ter muito que fazer! Fora daqui, vampiros e bêbados! — berrou, agitando o avental branco. Bem... branco, branco, não era. Devia ter sido há uns anos...

As pessoas dispersaram, conversando sobre o sucedido e rindo ainda do castigo que o cavaleiro mascarado aplicara ao nojento delator.

Manuel ficou parado uns instantes e depois fez tenção de seguir para a casa da futura patroa.

— Eh! Eh! Onde é que o senhor pensa que vai?

Manuel fez-lhe uma careta.

— Vou-me embora, que já é tarde.

E desapareceu num ápice.

— Ah, malandro! Depois de tudo o que fiz por ti! Vesti-te, dei-te de comer, e abandonas-me? Ingrato! Eu, que fui um pai p'ra ti! Mal agradecido!

Mas o moço já não o ouvia, senão ainda se riria mais um bocado. Dirigira-se para o palacete de D. Laura de Noronha.

Barnabé franziu o sobrolho e entrou dentro de casa. Foi dar com os criados a andarem de um lado para o outro, parecendo baratas tontas. Limpavam mesas, recolhiam canecas sujas, endireitavam garrafas...

Tinham estado a observar tudo o que sucedera, com a maior atenção e curiosidade. Deleitaram-se de prazer ao ver o que o capitão Gualdim fizera ao mesquinho tratante.

— Seus mandriões! Sempre na sorna! Em vez de me acudir, ficaram aqui feitos paspalhões!

De repente, lembrou-se de qualquer coisa e voltou-se para uma mulher gorda, de peitos tão volumosos que até metiam respeito. Esfregava uma mesa, afanosamente, como se estivesse muito interessada no que fazia.

— E tu, mulher, não viste o meu sinal? Era para teres ido avisar a guarda. Bem sabes que andam atrás desse insolente mascarado e não o conseguem apanhar.

A mulher engoliu em seco e os seios arfaram de angústia, não se sabe se pelo seu peso, se pelo medo do taberneiro.

— Perdão, senhor, não percebi... Juro pela alma da minha mãe que pensei que estava a mandar-me para dentro da taberna — disse, fazendo figas atrás das costas.

Barnabé deu estalos com a língua, contrariado. Fitou-a, ainda desconfiado. Depois, fez-lhe sinal para desaparecer, no que foi obedecido prontamente.

— Que hei-de dizer quando me perguntarem porque não avisei a guarda? Valha-me Deus! Valha-me Deus! Diabos levem o mascarado! Como se não tivesse nada para me preocupar! Nem deve valer a pena queixar-me dele. O ministro ainda lhe tem mais receio do que eu... O que hei-de fazer à minha vida?! Ora esta!

Coçou a cabeça, preocupado. O suor saía-lhe de todos os poros. Sentiu o pescoço a arder e levou lá a mão. Ainda saía sangue da ferida, embora grande parte dele já estivesse seco. Estremeceu, recordando-se do que sofrera às mãos do descarado cavaleiro.

— Se calhar é melhor contar o que aconteceu, antes que o ministro saiba por outras fontes... Espero que este incidente não faça cair a ira dele na minha pessoa. Já me basta o castigo do mascarado! Maldito capitão Gualdim! Que um raio lhe caia na cabeça e o faça em mil pedaços!

CAPÍTULO III

*D. Laura de Noronha
De beleza sem igual
Faz inveja às de Espanha
E às mais lindas de Portugal.*

— **C**ontinuais sendo uma excelente cavaleira, Laura... — observou um gentil-homem, olhando com admiração para uma jovem.

— É gentileza vossa, D. Pedro — retorquiu ela, com um sorriso.

Era uma bela mulher de vinte e dois anos, alta e magra, de formas esculturais. O busto pequeno e firme sobressaía em todos os vestidos, que deixavam ver o princípio deles, a pele branca e macia dos ombros e do pescoço, como se fosse seda. A sua voz, invulgar e muito sensual aos ouvidos masculinos, era rouca e bem timbrada. O rosto oval, iluminado por uns misteriosos olhos azuis, impedia que descortinassem os seus pensamentos mais secretos. Nariz fino; boca vermelha, de lábios cheios, convidando aos beijos apaixonados; dentes brancos, certos, sem serem muito pequenos. Os cabelos castanhos-dourados, lisos e sedosos, brilhavam, emoldurando-lhe o rosto sorridente e sincero. Normalmente usava o cabelo apanhado no alto da cabeça, caindo em cachos sobre os ombros. Naquela altura estava penteado num simples rabo-de-cavalo, atado com uma fita de veludo verde-clara, enfeitada de pérolas e brilhantes. Além da beleza física que saltava logo à vista, a interior suplantava-a. Muito sensível e inteligente, sabia conversar acerca de quase tudo. Amante da leitura e das outras artes, a sinceridade e a bondade eram outras das suas grandes qualidades. Perspicaz por natureza, conseguia ler pelas expressões do rosto das pessoas com

quem contactava quase tudo o que sentiam, o que por vezes lhe era muito desagradável. A bem dizer, era um dom com que nascera. Sentia-lhes as angústias, os medos, as alegrias. Era raro não descobrir com um simples olhar se lhe mentiam ou não. O olhar inteligente e límpido perscrutava a alma de todos os que via, quase inconscientemente. Por isso compreendia-se bem que todos os cavaleiros casadoiros do reino a desejassem para esposa. Embora a adorassem, ao mesmo tempo temiam-na, pois sabiam que nunca conseguiriam fingir perto dela.

— E mais bela do que nunca!

Quem assim falava era o seu maior admirador. Só de olhar para ela sentia todo o sangue ferver-lhe nas veias, tal a vontade de a tomar nos braços e de beijar aquela boca tão provocadora. Chamava-se Pedro de Castro, era um nobre e, indiscutivelmente, o melhor espadachim de Portugal. Já se batera em inúmeros duelos com as melhores espadas, algumas espanholas, e vencera-as, conseguindo, assim, a fama de ser o melhor espadachim da Península Ibérica. Bem querido e desejado pelas mais belas mulheres pelo seu físico e qualidades, a que não faltavam a inteligência, a nobreza de carácter, a lealdade e a paixão pelo belo sexo, era um amante incomparável, segundo testemunho das mais ardentes. O aspecto físico nada deixava a desejar. Vinte e oito anos, corpo alto e esbelto, de ombros largos e fortes, cintura estreita e pernas musculadas. O rosto não era bonito, mas de tão másculo tornava-se irresistível; sobre a boca grande e trocista, um bigode muito elegante, que lhe ficava a matar; nariz aquilino; olhos verdes; cabelos escuros e ondulados, que mal lhe chegavam aos ombros, como se usava naquela época. Os maxilares salientes e a covinha no queixo davam-lhe um ar ainda mais atraente. Por onde quer que passava, a sua figura atraía imediatamente as atenções femininas. Tinha um andar muito característico e era raro não ter a mão na espada, cujos copos trabalhados permitiam ver o brasão da família. Além de tudo isto, vestia-se com um bom gosto e uma elegância inconfundíveis. Nesse dia envergava um fato de montar verde-seco, com enfeites beges; botas de couro macio dobradas sobre os joelhos e esporas de prata; na orgulhosa e nobre cabeça um chapéu de feltro de grandes abas, da cor do fato e com uma pluma bege; a espada pendia-lhe do boldrié de veludo da cor dos enfeites. Uma capa verde caía-lhe dos ombros.

A bela donzela sorriu de uma maneira trocista, que tentava disfarçar a perturbação que sentira com as palavras do cavaleiro.

Tinham andado a caçar nas matas da família de D. Pedro e não vinham sós; alguns outros gentis-homens acompanhavam-nos. Todos eles

andavam de beicinho caído pela filha do amado D. António de Noronha e arrastavam-lhe a asa diante uns dos outros, sem vergonha alguma, esperançados de que um dia os seus desejos e esforços sairiam recompensados com um olhar amoroso da mais linda jovem daqueles reinos... Rivalizava cada um com cada qual.

Fingindo não reparar, tinham-se afastado dos outros caçadores. Desafiada para uma corrida, Laura sorriu, percebendo a intenção do cavaleiro. No entanto, aceitou o desafio.

A galope, afastaram-se ainda mais. Ao fim de uns minutos, pararam diante de um riacho de águas muito límpidas e barulhentas.

Aquele dia de Primavera estava luminoso, muito azul e quase não se via uma nuvem no céu. Os pássaros voavam sobre as cabeças deles, levando alimentos nos bicos para as crias.

Pedro de Castro desmontou e aproximou-se do outro animal, ajudando a donzela a saltar para o chão. Aproveitando o momento em que a teve nos braços, fitou-a de olhos nos olhos, fazendo-a corar violentamente, tal era o amor e a paixão que leu nos olhos dele.

O cavaleiro sorriu, feliz, sentindo o estremecimento do seu corpo. Reprimiu a vontade de lhe beijar os lábios, ora com paixão, ora com ternura. Decidiu esperar por um momento mais romântico, pois, inteligente como era, sabia que as mulheres apreciam muito o romance.

Laura logo se recompôs e o único vestígio da sua perturbação era o respirar acelerado e o arfar do peito. Sentia que algo ia acontecer, e não estava disposta a fazer nada para o impedir.

— Espero que me deis a honra de passear um pouco ao meu lado. Felizmente vimo-nos livres daqueles maçadores!

Ela sorriu e deu-lhe o braço. Passearam calados durante alguns momentos, ouvindo somente o borbulhar da água, o barulho dos seus passos e o chilrear das aves.

— Continuais muito calada... Espero que a minha companhia não vos desagrade, pois a vossa é o máximo que posso desejar — disse o jovem, tirando o chapéu da cabeça.

— Que ideia, D. Pedro! Gosto de escutar o silêncio. E aqui é tão bonito! Não tem nada a ver com a companhia, muito agradável, por sinal... Também me sinto satisfeita por estar longe dos outros cavaleiros. Embora lhes dedique a minha amizade, não aprecio que me estejam sempre a elogiar a beleza.

Pedro estacou e colheu um malmequer amarelo, oferecendo-lho.

Laura aceitou a flor, com um sorriso, e enfiou-a no decote redondo do

corpete. O coração batia-lhe desordenadamente no peito, quase de uma forma dolorosa. Sentia uma excitação nunca antes sentida.

— Não os condeneis. Sentem-se fulminados pela vossa formosura. Sentem desejo de vos repetir continuamente o seu amor e adoração sem limites. Compreendo-os bem...

Olharam-se nos olhos e, a pouco e pouco, o cavaleiro aproximou o rosto, beijando-a levemente nos lábios, com ternura e delicadeza, depois, com paixão, apertando-a contra si, como se receasse que lhe fugisse.

Só passados uns segundos se afastaram, conscientes do passo que haviam dado. Ela estava corada e baixou os olhos, embaraçada perante o sorriso do apaixonado.

— Presumo que há muito tempo saiba do meu amor por si, Laura. Peço perdão do meu arrebatamento, mas quem está diante de tal beleza e formosura não consegue ter controlo em si próprio. Desde que a vi pela primeira vez que a amo — declarou, pegando-lhe nas mãos com ternura.

Laura sorriu e retirou as mãos, apressadamente.

— Está perdoado, cavaleiro, e descanse que não me ofendeu. Eu é que temo ter sido pouco recatada... Não é de bom-tom ter permitido que me beijasse. O que pensará de mim? — disse, alisando a roupa.

A jovem vestia um fato de amazona de veludo cor de avelã, com botões e enfeites de ouro. A cabeça delicada e encantadora estava coberta por um chapéu de feltro branco, com uma longa pluma verde que lhe descia até ao pescoço. Simplesmente arrebatadora.

Pedro de Castro apertou-lhe as mãos, apaixonadamente.

Sobre eles, os pássaros cantavam a plenos pulmões.

— Não diga isso, Laura! O seu comportamento é sempre o mais apropriado. Não fique preocupada com o que eu penso. A verdade é que me agradou muito ter sentido não lhe ser indiferente. Espero que não ponha em causa a minha discrição... Ofender-me-ia muito.

Laura sorriu e voltou a dar-lhe o braço.

— Sabe bem que não é do meu feitio o fingimento e a hipocrisia, e se consenti que me beijasse, foi pela razão de os meus sentimentos terem falado mais alto do que o bom senso.

— E eu admiro-a profundamente por isso!

Os cavalos de ambos andavam por ali, roendo uma ervita aqui, outra acolá. Por fim, foram beber água ao riacho, como dois bons amigos. Relincharam, satisfeitos.

O par de apaixonados sorriu.

— Talvez fosse melhor voltarmos para junto dos outros.

— Tem razão, Laura. Perto de si o tempo parece voar! Seria o homem mais feliz do mundo se morresse agora, a olhar para si!

Laura sorriu, divertida, e pegou nas rédeas do seu cavalo.

— Não exagere, D. Pedro! Então quer dizer que já não se importaria de me ver cortejada por outros gentis-homens? Como os homens são patetas!

Ele estremeceu e pegou-lhe nas mãos, arrebatado. Os olhos verdes pareciam incendiados de amor.

— Que ideia! Era capaz de os desafiar a todos para um duelo! Não suporto pensar que a eleita do meu coração possa ser beijada por outro!

Ela sorriu docemente.

— Se todos tivessem o atrevimento que o senhor teve, talvez já me tivessem beijado também...

— Quer-me parecer que, inteligente e sensata como é, não se deixaria beijar por qualquer um, se não lhe retribuísse um pouco o afecto.

— Quanto a isso, tem razão.

O cavaleiro aproximou o rosto e beijou-a novamente com ternura, congratulando-se pelo consentimento tácito. Depois abraçou-a contra si.

— Os outros já devem ter dado pela nossa falta. Não é de boa educação estar tanto tempo sozinha com um homem, por mais respeitoso e nobre que ele seja!

D. Pedro sorriu e ajudou-a a montar no belo alazão branco, seguindo depois para o seu.

— Deus me livre de lhe manchar a reputação! Mas com certeza não ficaria tão mal se tivesse desaparecido com o seu noivo...

Laura virou-se, surpresa. Depois sorriu e largou à desfilada, seguida pelo apaixonado.

Foram encontrar os outros caçadores todos mal-humorados. Ao princípio pensaram que fosse por terem desaparecido, mas depois perceberam que não era essa a razão principal.

— Fomos assaltados!

— Vilmente roubados!

— Diz antes vergonhosamente!

— E por um bando de salteadores insolentes! — comunicou um cavaleiro, fazendo grandes gestos de indignação com as mãos.

D. Pedro de Castro conteve um risinho.

— Não me digam isso, senhores! Quer dizer que um bando de ladrões se atreveu a assaltar um grupo de nobres e corajosos cavaleiros?! Ora, que

desplante! — observou, com uma ironia que passou despercebida aos infelizes assaltados.

Laura notou-a e sorriu.

Um cavaleiro de ar petulante virou-se para o anfitrião, quase com raiva, como se este tivesse culpa do que acontecera.

— Sabia que um bando de salteadores operava nas vossas terras, D. Pedro?

Este fixou-o, admirado.

— Claro que não, D. Manuel. Nunca de tal tive conhecimento. Devem ter sido atraídos pelo barulho que faziam. Foram certamente um bom chamariz...

O cavaleiro arrogante voltou à carga, rancoroso.

— Se o fomos, foi somente por vossa exclusiva culpa! Comentávamos o vosso súbito desaparecimento, deixando-nos sem a luz dos nossos olhos...

Pedro de Castro estremeceu de fúria e pôs a mão na espada, disposto a desafiá-lo para um duelo.

Laura interveio com o seu bom senso habitual.

— Não se engalfinhem por minha causa, cavaleiros. O senhor D. Pedro somente me desafiou para uma corrida e eu aceitei... Penso que entre todos vós não exista um irmão meu desconhecido, a quem tenha de prestar contas. Como aconteceu com D. Pedro, podia ter acontecido com o senhor D. Manuel, que não se preocupou em me poupar ao seu mau humor e à sua desconfiança... — observou, com um sorriso encantador, embora o tom com que falara não deixasse dúvidas o quanto lhe desagradara o comportamento do cavaleiro.

O gentil-homem atingido corou violentamente e fez-lhe uma vénia, arrependido.

— Mil perdões, menina Laura! Receio ter sido inconveniente e indelicado! Devia ter poupado aos vossos puros ouvidos os meus grosseiros comentários! Peço-vos humildemente perdão e se não estivesse montado num cavalo, prostrar-me-ia aos vossos pés.

A jovem sorriu.

— Pronto... Não se fala mais nisso. Felizmente, nenhum de vós foi ferido no assalto, somente a vossa dignidade e orgulho. Para os compensar de tal susto, convido-vos a virem tomar um lanche em minha casa!

Os cavaleiros entreolharam-se, encantados, bendizendo o assalto que tinham sofrido. Tomaram o caminho da casa de Laura, conversando animadamente.

— Fiquei sem um tostão, meu amigo! — comunicou um gentil-homem, com ar pesaroso. Contava vinte e oito anos, vividos intensamente em leitos de damas dos mais diversos estados civis... Alto e magro, elegantemente vestido, tinha cabelo louro aos caracóis e bigode muito fino. Os olhos azuis penetrantes e boca bem torneada; dentes grandes e certos. Vaidoso até ao exagero, D. Afonso de Menezes sentia um grande orgulho no seu aspecto físico, embora o intelectual nada deixasse a desejar. Podia considerar-se um bonito homem e sabia-o bem... Como o amigo, era filho segundo de uma família muito respeitável.

Pedro soltou uma gargalhada.

— O que te roubaram perdê-lo-ias ao jogo em dez minutos. Não é preferível ter ido para quem precisa?

O amigo fitou-o, espantado e desconfiado.

— Falando dessa maneira, até tens razão... Só que tenho uma vaga desconfiança a teu respeito, meu amigo. Até parece que aprovas o que os assaltantes nos fizeram...

— Que ideia, Afonso!

Os dois eram inseparáveis e havia outro gentil-homem que completava o grupo, mas naquele momento não se encontrava entre eles. Aliás, a amizade dos três cavaleiros era bem conhecida. Se por acaso se via D. Pedro de Castro, era certo e sabido que D. Afonso de Menezes e D. Diogo de Vasconcelos se encontravam nas proximidades. Para onde ia um, iam os outros. Só quando algo de muito grave acontecia é que não se juntavam.

Os outros caçadores ainda se lamentavam do desaire sofrido, irritados.

— Senhores, deixai-vos de lamúrias! Até parece que as moedas que vos roubaram farão muita falta! São só umas bebidas a menos que bebeis! — observou a bela Laura, com um sorriso encantador, enquanto abanava a cabeça, trocista.

Só pelo sorriso os assaltados se sentiram recompensados pelas injúrias sofridas, e não voltaram a tocar no assunto até chegarem ao palacete do falecido D. António de Noronha, famoso pela sua bondade e também pela sua espada invencível.

O grupo de cavaleiros atraía as atenções do povo, que os olhava, ora com admiração, ora com inveja. Quando viam que a jovem se encontrava no grupo, baixavam-lhe a cabeça, respeitosos. Laura acenava-lhes, sorrindo.

Estacaram diante de um palacete de ar majestoso, de dois andares,

pintado de cor-de-rosa e enfeitado de branco. Várias janelas e uma varanda de ferro forjado branco corria toda a fachada.

Inúmeros criados acorreram à chegada dos caçadores, pegando nas rédeas e dirigindo-se com os animais para as cavalariças, que ficavam nas traseiras do palacete.

Os jovens rodeavam a donzela, cada um deles esperando que lhes fosse permitido ajudá-la a desmontar, mas, diplomata como sempre, declinou a ajuda deles com um sorriso e saltou para o chão, com desenvoltura. Sabia bem que era impossível fazer a vontade a todos e por isso não quis ferir susceptibilidades.

Um rapaz humilde aguardava junto à porta da entrada, de chapéu na mão. Os seus olhos brilharam ao vê-la.

Esta acercou-se dele, tirando o chapéu da cabeça e deixando ver o lindo cabelo dourado que parecia lançar raios de ouro e era motivo de inveja para as outras donzelas.

Os cavaleiros rodearam-na, cada qual tentando cair nas suas boas graças, elogiando-a.

— Quem é você? Está à espera de alguém?

Manuel fez uma vénia, respeitoso, e corando que nem uma moçoila.

— Peço perdão pela minha ousadia, D. Laura, mas aconselharam-me a pedir-vos trabalho...

— Ah, sim? E posso saber quem foi, rapaz? Tu não sabes que não se deve incomodar uma senhora com essas ninharias? — inquiriu um dos cavaleiros, atirando a capa para trás das costas, com arrogância. Os cabelos louros encaracolados artificialmente caíam-lhe sobre um olho e ele afastava-os constantemente. Com algum movimento mais brusco, lá estavam eles a obstruir-lhe a visão.

Manuel amassou impiedosamente o chapéu, tal a perturbação.

— Perdão, senhor, mas foi o valente capitão Gualdim que me mandou cá.

Laura sorriu-lhe, sentindo a sua perturbação e atrapalhão. E aquele doce sorriso pareceu acalmar quase por encanto o rapaz, que lhe deitou um olhar agradecido.

— É muita ousadia! — observou outro cavaleiro, indignado.

— Que insolente!

— O desplante do mascarado!

Seguiu-se um coro de protestos que Laura fez parar com um sinal.

— Não fiquéis tão indignados, meus senhores. O capitão Gualdim não me faltou ao respeito e deve-se dar sempre um certo desconto a quem

procede com tanta coragem, como haveis de concordar... Portanto, acalmem-vos. Quanto a si, depois falamos, está bem? Entretanto, pode aguardar na cozinha até que o chame.

— Sim, menina. Muito obrigado! — agradeceu o moço, com uma vénia que quase o fez bater com a testa nos joelhos.

Entraram todos. Pedro aproximou-se de Laura, assim que lhe surgiu uma oportunidade.

— Laura, não acha estranho o procedimento desse misterioso cavaleiro? Não tenho nada contra ele, até lhe admiro a valentia e a audácia para com as autoridades, mas talvez tenha levado a ousadia um pouco longe de mais, já que presumo que não se conheçam...

A jovem sorriu de uma maneira encantadora.

— Quanto a isso, nada lhe posso dizer, Pedro. Até pode ser um desses cavaleiros que se encontram nesta casa. Como aparece sempre com máscara...

D. Pedro de Castro ficou pensativo.

— Tem razão, Laura. Ignoramos tudo acerca da verdadeira identidade dele...

No salão, os caçadores falavam sobre o ocorrido, indignados e escandalizados com o descaramento do mascarado. Alguns deles admiravam a sua audácia, mas por nada do mundo o confessariam. Dentre eles, destacava-se um pelo ódio exagerado por uma pessoa que nem conhecia.

— Detestável criatura! Se o tivesse na minha frente, trespassá-lo-ia pela minha espada! — declarou, furioso. Este indivíduo era o mesmo que provocara Pedro de Castro na mata. Além de vaidoso, fútil e arrogante, era covarde. Ninguém o convencia de haver homem mais belo no reino do que ele. O seu ego era altíssimo e vestia-se espalhafatosamente. Mantinha relações muito amistosas com os governadores de Portugal e era caso corrente a sua predileção pelo rei de Espanha.

— Não é caso para tanto, D. Manuel. Permitti-me que vos contrarie. Esse cavaleiro nada fez que me ofendesse, e muito menos aos senhores...

— declarou Laura, com um sorriso, mas não deixando dúvidas que não queria voltar a ouvir falar naquele assunto. Pessoalmente, detestava o vaidoso D. Manuel, mas é claro que não o demonstrava. — E se fôssemos lanchar? Presumo que estejais esfomeados. Cá por mim estou capaz de comer nem eu sei o quê...

Os cavaleiros riram-se, achando encantadora a sinceridade dela, coisa a que não estavam habituados a encontrar no belo sexo fraco.

Dirigiram-se para a sala de jantar, onde os aguardava um lanche digno de príncipes.

D. Pedro de Castro seguia-os mais atrás, pensativo.

— Quem será esse capitão Gualdim? Será alguém com quem eu converse? Alguém das minhas relações? Pensando bem, qualquer um pode ser o capitão Gualdim... Pelas dores de cabeça que tem dado ao maldito ministro, tem a minha mais profunda admiração.

E pensando isto, soltou uma gargalhada trocista.

CAPÍTULO IV

*Pedro, Afonso e Diogo
Valorosa valentia
Dos patriotas têm o fogo
Da mocidade a alegria.*

— **Q**uem é, afinal, esse capitão Gualdim que anda na boca de toda a gente? — perguntou Afonso de Menezes, curioso. — Estou farto de ouvir falar nele e ninguém sabe dizer-me quem é. Palavra de honra que gostaria de o conhecer pessoalmente!

Os amigos sorriram. Encontravam-se numa estalagem asseada e tinham à frente algumas garrafas vazias e uma outra meio cheia de vinho. Petiscavam perdizes estufadas com mil requintes e lambiam os beiços, deliciados. A cozinheira era uma verdadeira pérola!

Além da mesa ocupada pelos três amigos, existiam mais umas quantas ocupadas por homens simplesmente esfomeados. Reinava uma confusão e algazarra a modos que familiar. Todos se conheciam. Aquela estalagem era o ponto de encontro dos gentis-homens de bom gosto, famosa pelo bom serviço e pela óptima cozinha. Toalhas de pano grosso ao xadrez cobriam as mesas, embora já não muito novas. Ao fundo, uma enorme lareira, muito agradável nos dias invernosos, mas agora abandonada. Das traves do tecto pendiam chouriços, paios e presuntos. As janelas eram de tabuinhas, pois as vidraças não se usavam muito naqueles tempos; eram principalmente os mais abonados de dinheiro que as possuíam nas suas casas e palacetes.

Criadas iam e vinham com alimentos capazes de fazer crescer água na boca e Afonso deitava-lhes olhares gulosos, mais para as moças do que

para a comida. Elas fitavam-no, todas derretidas. Aquele cavaleiro era um regalo para os olhos, embora os outros dois não lhe ficassem atrás...

— É que não se sabe mesmo quem ele é, Afonso — respondeu Diogo, pensativo. — Só se sabe que é um grande espadachim e esteve envolvido nos motins de Évora. O povo diz à boca pequena que foi ele o responsável pelo atentado à vida de Miguel de Vasconcelos, em 1634. Muitos o temem e dizem que não há esgrimista como ele, sem ofensa para ti, Pedro. Dizem que ainda é melhor do que o famoso D. António de Noronha! A última que soube dele é muito engraçada! Vejam lá que castigou um taberneiro sovina que chicoteava, impiedosamente, um criado por lhe ter roubado um pão. Imaginam qual o castigo? Proibiu-o de comer mais de um pão por dia e ameaçou-o de que, se lhe desobedecesse, lhe cortaria a cabeça. O que é certo é que esse taberneiro, com receio que ele cumpra o prometido, tem passado uma destas fomes!

Os amigos desataram a rir às gargalhadas.

— Esse célebre mascarado está a subir bastante no meu conceito! — exclamou Pedro de Castro, trincando um pedaço de carne. Lambeu os dedos e depois limpou-os ao guardanapo.

Afonso deu uma forte gargalhada.

— Mas então quem é esse capitão Gualdim?!

— Ninguém sabe, meu amigo. Aparece sempre com uma máscara negra que lhe tapa a cabeça e parte do rosto. Veste elegantemente e é audacioso como o raio! Os mais supersticiosos dizem que é a alma do velho D. António de Noronha, o *Relâmpago*, pois esse homem é um ás em esgrima! O capitão Gualdim podia ter tido lições com D. António, pois utiliza o famoso bote secreto dele. Vocês bem sabem que mais ninguém o conseguia fazer...

Pedro parou de comer e fitou os dois amigos.

— Desconhecia isso... Mas duvido muito. D. António nunca chegou a dar lições a nenhum cavaleiro, e o velho descansa em paz. As pessoas por vezes aumentam os factos.

— Não te fies muito nisso, Pedro. D. Luís de Coimbra, que, como sabes, é um dos nossos melhores espadachins, bateu-se com esse estranho cavaleiro, por uma razão um tanto ou quanto pitoresca, e o mascarado venceu-o em cinco minutos — informou Diogo de Vasconcelos, tentando encaraçolar o bigode.

Pedro mostrou algum espanto.

— Então esse homem deve ser bastante bom. Gostaria de o defrontar. Afonso fitou-o, entusiasmado.

— Seria um espectáculo formidável, Pedro. Tu que és o nosso melhor esgrimista, defrontando esse desconhecido que, por sinal, é um homem bastante corajoso e astucioso.

Um sorriso misterioso surgiu no rosto do cavaleiro.

— Gostaria muito, mesmo muito...

— O povo até diz que esse mascarado tem de ser do sangue do famoso *Relâmpago*. Pode ser um filho bastardo...

O amigo abanou a cabeça, negativamente.

— Não acredito, Diogo. O pobre homem ficou roído pelo desgosto quando lhe morreu a esposa.

Diogo de Vasconcelos era da idade dos amigos; cabelos e olhos escuros; boca fina num rosto comprido; nariz aquilino. Magro e não muito alto. Também se vestia com elegância. Não tinha grande fortuna, comparada com a de Afonso e, principalmente, de Pedro, mas dava-lhe para viver desafogadamente. Terceiro filho de uma família outrora muito abastada, era o irmão mais velho, ao serviço de Filipe IV, em Madrid, que lhe enviava o dinheiro necessário à sua subsistência. Apesar de não compartilharem nenhum gosto ou ideia, davam-se bem. O jovem não era de muitas falas ou risos; sério por natureza, envolvia-se por vezes em rixas com os seus companheiros, que o irmão, em Espanha, tentava sempre desculpar, a pretexto da juventude.

— D. António não teve nenhum sobrinho ou parente a quem pudesse ter ensinado as suas estocadas secretas?

— Não, Afonso. Laura não tem parentes, além do tio com quem vive e de uma prima que habita em Évora. Aquando da sua morte, D. António deixou a tutela da filha ao cunhado e grande amigo, D. Nuno Álvares de Portugal, mas esse, infeliz com a morte da esposa e do melhor amigo, desapareceu e deixou a sobrinha ao encargo de D. Fernando de Lencastre, irmão da mãe de Laura — informou, com os olhos brilhando ao falar da sua amada.

Os outros dois entreolharam-se, trocistas.

— Ora vejam só! Com que então já a tratas tão familiarmente, meu amigo?

Pedro de Castro sorriu.

— Tenho o pressentimento de que não lhe sou de todo indiferente...

Afonso soltou um assobio.

— Ora essa! Como é que uma donzela tão sensata e inteligente te escolheu a ti e não a mim, viril e garboso cavaleiro? Modéstia à parte, sou mais

bonito do que tu. Provavelmente soube que sou exageradamente mulhengo e teve receio da concorrência — disse, com o ar mais descarado do mundo, provocando as gargalhadas dos amigos.

De outra mesa perto começou também uma grande risota. Havia um cavaleiro mais bêbado do que os outros e contava qualquer coisa de uma maneira muito engraçada, provocando o divertimento geral.

— Tenho querido perguntar-te uma coisa, meu amigo. Onde foste no dia em que eu e Afonso fomos caçar? Não te encontrámos em lugar algum e o teu criado, descaradamente, não nos quis informar do teu destino.

Diogo corou levemente e bebeu um gole de vinho para disfarçar.

— Nada de importante, meus amigos. Aquele meu criado é todo cheio de mistérios; já o conhecem bem... Fui provar um fato ao meu alfaiate.

Pedro e Afonso entreolharam-se, desconfiados.

— E desde quando uma ida ao alfaiate é mais importante do que uma caçada? Tu adoras caçar! É deveras estranho!

O outro sorriu.

— É que não suporto a presença de D. Manuel de Vilar. Soube que ele também ia e resolvi faltar. Só de olhar para a sua cara odiosa me dá vontade de o açoitar!

Os companheiros riram-se.

— Quanto a isso, damos-te inteira razão. D. Manuel é um verdadeiro trambolho!

Naquele momento um gentil-homem vestido de grená e cuja capa era de um verde berrante acercou-se deles, depois de ter estado uns segundos à entrada, procurando-os com os olhos. Lançou a capa para trás das costas, num movimento arrogante.

Afonso sentiu vontade de soltar um risinho e uma piada a respeito da vestimenta dele, mas conteve-se ao levar um pontapé de Diogo.

— Estavam a falar de mim, senhores?

Os três companheiros entreolharam-se, mortinhos por se rirem.

— Só se fosse para elogiarmos a espampanante cor da vossa capa!

O outro cavaleiro levantou as sobrancelhas, surpreendido agradavelmente. Nisto, interrogou-se se o que o trocista e descarado Afonso havia dito não teria segundas intenções.

— Que ideia, D. Manuel. Falávamos no trambolho do sobrinho do conde de Azurara, que, como sabeis, tem o mesmo nome que vós — respondeu Pedro, apontando-lhe um banco. — Se vos agradar, podeis fazer-nos companhia, embora não acredite que tendes vindo por isso!

D. Manuel de Vilar declinou o convite com um gesto irritado.

— Pois está correcto o vosso raciocínio, senhor D. Pedro. Vim pedir contas a vós e ao senhor D. Afonso de Menezes!

— Ah, sim?! E porquê, podemos saber?!

— Claro que podem! Foi para isso que aqui vim! Ora vejam o que eu recebi ontem à noite, quando estava recolhido na minha câmara — e dizendo isto, estendeu-lhes uma folha de papel amarrotado. Estremecia de fúria e indignação. — O maldito capitão Gualdim desafiou-me para um duelo, a *mim*, um fidalgo das mais antigas linhagens, cujo antepassado combateu ao lado de D. Afonso Henriques!!

Era tal a indignação que os cantos da boca espumavam-lhe abundantemente, lembrando uma besta a babar-se.

Os três amigos fitaram-se cada vez mais espantados. Pegaram na carta e Pedro leu em voz alta:

“Desafio-vos para um duelo, senhor D. Manuel de Vilar e nem mesmo a vossa famosa cobardia vos livrará desta vez! Foi escutado por muitos gentis-homens no salão da distintíssima Laura de Noronha que me trespassaríeis pela vossa espada se me tivésseis à frente. Ora bem; aqui estou, não em corpo, mas em espírito, a desafiar-vos e à vossa fanfarronice para um duelo. Não tenteis escapar com desculpas esfarrapadas, porque não conseguireis. O vosso exagerado orgulho não vos permitirá deixar de comparecer. Não recuseis por desconhecer o meu verdadeiro nome, pois só vos direi que, tal como o senhor, a minha família é das mais antigas e nobres!

Aconselho-vos a procurardes um padre o mais rápido possível! Quinta-feira, às quatro horas da tarde, por trás do antigo palacete de D. António Macedo. A arma é a espada, como compete a gentis-homens que se prezem.

Para a próxima aprendei a ter tento na língua e não tenteis imitar as mexeriqueiras, que não sabem quando manter a boca fechada...

Capitão Gualdim”

O bigode de Pedro de Castro tremia. Sentia um desejo tremendo de se

rir. Tinha de confessar que o mascarado era de uma astúcia capaz de dar cabo da paciência a um homem como D. Manuel.

Diogo tossiu, tentando disfarçar uma gargalhada incontrolável que lhe subia à garganta, e Afonso virou-se para trás para que o outro não lhe visse o rosto, pois por menos já se haviam batido em duelo.

— Desculpai, mas não vos estou a compreender, D. Manuel. Que é que eu tenho a ver com isto?! Presumo que não desconfiais que seja eu o capitão Gualdim...

— O senhor estava em casa da menina Laura no dia em que isto se passou! Deveis recordar-vos bem das minhas palavras.

— Sim, mas além da minha pessoa encontravam-se lá mais uma dúzia de cavaleiros...

D. Manuel atirou o cabelo para trás, com petulância.

— Sei isso muito bem, D. Pedro. Mas também sei que não me suportais! É do conhecimento geral o ciúme e a inveja que vos rói a alma, por a maravilhosa Laura de Noronha me preferir. Acredito, sim, que vossa senhoria se encarregou de transmitir a esse insolente mascarado o que eu havia dito.

D. Pedro levou a mão à espada, indignado. Os seus olhos verdes lançavam chispas de raiva.

— Não permito que me venhais acusar sem provas! Nem vos admito que penseis uma coisa dessas de mim, D. Manuel! Quanto ao outro assunto, admira-me que tenhais o desplante e a desfaçatez de tocar no nome de tão doce donzela, aqui, no meio de tantos homens!

O outro estremeceu, furioso.

Diogo resolveu intervir, vendo o caso a ficar mal parado.

— D. Manuel, se permitis uma opinião, não tem necessariamente de ter sido uma das pessoas presentes no lanche a avisar o capitão Gualdim! Bem sabeis que nas conversas entre gentis-homens se fala um pouco de tudo. Alguém pode ter ouvido um dos convidados comentar o caso e poderia ter sido essa pessoa a prevenir o mascarado, não é verdade? Podeis até ter sido vós a falardes sobre o caso. Bem sabeis que habitualmente falais alto...

Pedro pôs o punho na anca, aborrecido.

— Sinceramente, D. Manuel, não estou a compreender a vossa fúria! Não fostes vós mesmo que dissestes que trespassaríeis Gualdim se o apanhásseis à vossa frente?!

O outro cavaleiro mostrou-se um pouco perturbado.

— Sim, sim, claro que sim! Não está em causa esse mascarado ter-me

desafiado para um duelo, pois sei que o vencerei em meia dúzia de estocadas, o que está em causa é que há um traidor entre nós e eu permito-me afirmar que só pode ser o senhor D. Pedro de Castro.

Este desembainhou a espada, furioso, tocando-lhe no peito.

— Pois saiba o senhor D. Manuel que já não tendes um duelo para vos bater, e sim dois!

O fidalgo ficou branco como a cal da parede. Gotas de um suor frio escorreram-lhe da fronte. Conhecia a fama do exímio espadachim que tinha diante de si. Se não fosse morto pelo mascarado, certamente o seria por D. Pedro de Castro. Maldisse o facto de não se saber calar.

— Não... Não é caso... para tanto... D. Pedro...

Naqueles tempos as questões de honra eram sagradas e bastava que um cavaleiro demonstrasse troça por outro para isso ser causa para um duelo, embora fossem proibidos...

Diogo e Afonso entreolharam-se. Acotovelaram o amigo.

— Não o podes desafiar aqui, diante de tanta gente, Pedro. Lembra-te que os duelos são proibidos! Além disso, há espiões por toda a parte... Bem sabes que basta um simples pretexto para o ministro se vingar de nós.

— Não me importo! O senhor D. Manuel ofendeu-me e eu exijo uma reparação. Senhor D. Manuel, fazei-me o favor de escolherdes a hora, o local e a arma!

O cobarde olhava para os outros dois cavaleiros em busca de ajuda.

— Por favor, senhor D. Pedro, não leveis o caso tão a peito! Bem sabeis que sempre vos tive em boa consideração e vos considero meu amigo.

— Pois eu, não! Quem tenta manchar-me a honra, até agora imaculada, com torpes difamações, jamais será meu amigo! Deus me livre de ter por amigo tal cobra traiçoeira!

O outro ficou vermelho como um tomate e saiu apressadamente para a rua. Quando lá chegou, estacou, preocupado. Por aquilo é que não conta! Nunca lhe passara pela cabeça que as coisas chegassem àquele ponto...

— Tenho de resolver esta desagradável situação de qualquer maneira... Primeiro tenho de pensar no mascarado. Se soubesse quem realmente ele é, mandava fazerem-lhe uma emboscada antes do duelo e, assim, não seria eu a faltar. Quanto a D. Pedro, é muito perigoso! Tem muitos amigos... Maldito seja!

E embrenhado nestes sombrios pensamentos, entrou no coche e desapareceu numa nuvem de poeira amarelada.

Pedro, Afonso e Diogo continuaram ainda na estalagem, a conversar sobre o sucedido.

— O deslante daquele cobarde! A pensar que me podia difamar com essa facilidade toda... — observou Pedro, atacando outra perdiz. Até parecia que não marcara um duelo minutos atrás, tal a calma que aparentava.

— Não o devias ter desafiado, Pedro! Imagina se este duelo chega aos ouvidos do ministro!

— Não te preocupes, Diogo. O capitão Gualdim deve dar conta do recado. Pouco do D. Manuel deve sobrar para o nosso amigo...

Riram-se, divertidos.

Naquele momento um grupo de dois espanhóis, um português e um italiano surgiu à entrada da porta. Vestiam-se com elegância e eram uns dos muitos estrangeiros residentes em Portugal que ocupavam altos cargos, já que a política de Olivares e de Vasconcelos era humilhar os nobres portugueses dando os cargos que lhes pertenceriam por direito aos estrangeiros. Essa era uma das razões por que a fidalguia portuguesa tanto odiava o ministro de Portugal. Consideravam uma violação dos privilégios de Tomar, e com razão... Vasconcelos, cego de estupidez, não via que desprezar os nobres daquela maneira só podia ser má política. Em vez de os tentar aliciar com cargos da administração espanhola, já que ele e Olivares tanto desejavam a união ibérica, desprezavam-nos mesquinhamente, inconscientes do perigo que estavam a causar...

Os recém-chegados aproximaram-se da mesa dos nossos amigos. O português que os acompanhava acercou-se de outra mesa, sentando-se, alegremente.

Um dos espanhóis pôs a mão na anca em atitude de provocação. Os seus cabelos escuros estavam encaracolados artificialmente e os dentes brilhavam de limpeza. Devia gastar horas para os fazer brilhar assim... Tocou no ombro de Pedro, de costas para ele. Este voltou-se, admirado.

— *Presumo que el señor Don Pedro de Castro se este riendo de alguna insignificancia con sus amigos...*

D. Pedro soltou uma alegre gargalhada, que teve o condão de irritar o outro. Desde há muito tempo que se consideravam rivais, devido à donzela mais cortejada do reino. Além disso, já se haviam batido em duelo algumas vezes e como o espanhol fora derrotado em todas elas, sentia pelo cavaleiro português um rancor indescritível.

— Sim... acho que sim... resta saber de que insignificância... — e dizia isto com ar trocista, como se o gentil-homem pudesse ser essa insignificância.

Diogo permaneceu calado, como era seu hábito, mas Afonso não re-

sistiu a mandar uma piadinha trocista tão do seu agrado. Também não o suportava, principalmente por ocupar um lugar que lhe pertenceria a si ou a outro nobre português, se não fossem as mesquinhas vinganças de Vasconcelos.

— Realmente, também não me lembro do que estávamos a rir, tão divertidos. O brilho dos seus dentes, D. Juan de Sevilha, o boldrié de ouro de D. Ramón de Toledo e a resplandecente espada de D. Cristóvão de Angelis ofuscaram-me completamente...

Os estrangeiros franziram o sobrolho, pois conheciam bem a sua famosa ironia.

— *Si ustedes se rien de nosotros, puéden considerarse desafiados para un duelo! Todos los tres!*

Os três amigos entreolharam-se.

— Estávamos a rir de *nuestros hermanos*? De tão dignos servidores do reino? Ná...! Portanto, não aceitamos o desafio — disse Pedro, com um sorriso, enquanto engolia uma boa porção de vinho. A sensatez não o deixava aceitar o desafio, mas a vontade de brigar era terrível e incontrollável...

— É estranho que o senhor D. Juan se tenha esquecido de que os duels são proibidos... — observou Diogo, com ironia.

Passados uns momentos, o inevitável aconteceu. Bancos voavam sobre as cabeças dos mais distraídos, que logo se meteram na escaramuça, nem sabendo com quem e por quê lutavam. Um enorme presunto, cujo fio foi cortado por Afonso, caiu precisamente na cabeça do italiano, deixando-o fora de combate... Várias garrafas de vinho foram partidas e as criadas fugiam, aterradas. O estalajadeiro, conformado, observava a contenda, torcendo pelos portugueses. Quando algum estrangeiro passava perto dele, automaticamente lhe dava com um grosso chouriço na cabeça, deixando-o atordoado. Já havia mais espanhóis metidos ao barulho, que acudiram aos gritos dos companheiros. Mais tarde a guarda acorreria, mas os nossos três amigos já não se encontravam lá e os que tinham começado a luta foram presos, embora berrassem como uns possessos, cuspidando ameaças.

Mais tarde, Diogo escrevia assim ao irmão:

“Querido e estimado irmão:

Espero que tudo lhe esteja a correr como deseja, aí, em Madrid.

Por cá vai tudo normal.

Amigos como sempre fomos, quero contar-lhe uma coisa que aconteceu esta tarde e, sinceramente, ainda me pergunto como aconteceu...

Estava eu e os irmãos dos seus amigos D. Luís de Castro e D. Eduardo de Menezes a lancharmos umas ricas e saborosas perizes, quando surgiram dois cavaleiros espanhóis e um italiano, que ocupam por cá altos cargos, mas dispostos a provocar uma briga, nem sei por que cargas de água... Mais adiante dir-lhe-ei os seus nomes.

Pois não é que o mais conflituoso, D. Juan de Sevilha, se meteu com o nosso divertimento, dizendo que estávamos a troçar deles, o que era uma infame mentira!

Desafiados para um duelo, sensatamente recusámos, mas eles continuaram a ofender-nos e desembainharam as espadas, chamando-nos cobardes. Ora, não podíamos deixar que manchassem o nome de nossas famílias com tal tamanha injúria e embora não lhes tocássemos com lâmina alguma, pois sabíamos o risco que correríamos se tal chegasse aos ouvidos do nosso estimado ministro, não pudemos ficar de braços cruzados, como o meu sábio irmão deve compreender... Ora, o meu amigo Pedro de Castro não aguentou mais e como não queria empunhar a espada contra personagens tão respeitáveis e queridas do nosso rei, pegou no que se metera com ele e lançou-o pela janela fora. Parece que D. Juan foi cair mesmo no bebedouro dos animais e ao cair partiu umas costelazitas e um braço... mas nada de preocupante... Eu, com o devido respeito que lhe guardo, sabendo que os duelos são proibidos e para não arranjar problemas ao meu amado irmão, agarrei num banco e espetei-o na cabeça de D. Ramón de Toledo, que me desafiava com a espada. Julgo que lhe abri a cabeça e lhe desloquei um ombro... Foi coisa fraca, como deve calcular... Quanto ao meu amigo Afonso de Menezes, parece que a sua espada cortou o fio que prendia um belo presunto ao tecto e este, desgraçadamente e por pura coincidência, foi acertar precisamente na cabeça de D. Cristóvão de Angelis... Segundo apurámos mais tarde, foi levado em braços pelos criados e ainda não acordou. Mas decerto que com uns belos goles de vinho de Borba acordará num instante. O meu amigo Pedro, atenciosamente, mandou-lhe uma caixa dele para se recompor depressa... Bem vê que nada fizemos para desonrar os nomes

*respeitáveis de nossos irmãos e tenho a certeza que compreenderão a afronta que sofremos, tendo de lutar como homens vulgares, para não ofendermos os nossos parentes, fornecendo-lhes motivos para serem repreendidos pelo nosso amado rei.
Espero que nos perdoem a nossa fraqueza e peça-lhe a sua bênção, que sei ma dará generosamente.
Com o maior respeito e amizade por tão nobre irmão, despeço-me.*

Diogo Leite de Vasconcelos”

Com um sorriso trocista dobrou cuidadosamente a carta sobre o comprido e aplicou-lhe lacre verde onde deixou gravado com o anel uma águia transportando um ramo no bico.

— Antecipei-me certamente às possíveis queixas que os espanhóis irão fazer pessoalmente ao rei. Assim, não teremos mais problemas...

E deitou-se no leito, sem mais nenhuma preocupação a tomar-lhe a mente.

CAPÍTULO V

*Do Condestável tem o nome
Do “Sem Pavor” a coragem
De valentia não tem fome
Este herói da rapinagem.*

A noite caía sobre a floresta que circundava o castelo de D. Pedro de Castro. A Lua brilhava no céu, espalhando a sua claridade por toda a parte. O luar projectava sombras estranhas e misteriosas nas árvores e nem tudo estava em silêncio...

Quem passasse por ali ficaria espantado com a quantidade de homens que conversavam baixinho, sentados debaixo de um enorme pinheiro manso. De ar lúgubre, aquelas figuras murmurando umas com as outras, pareciam conspirar. Todos vestiam de escuro, castanho ou verde, para melhor se confundirem com as sombras. Eram cerca de uma dúzia.

Nisto, surgiu um homem baixo e magro, de feições infantis, a correr, espavorido, sobressaltando-os.

— Chefe! Chefe! Está a acontecer uma grande desgraça! Andam a prender todos os homens validos que ainda restam para os mandarem para as frentes de batalha!

Os outros levantaram-se, furiosos. Dentre eles, destacava-se um de porte nobre e altivo, bem diferente da rudeza e simplicidade dos companheiros.

— O quê?! Outra vez?! Será que os patifes dos espanhóis ainda não estão satisfeitos com a nossa desgraça?! Não bastava os impostos exagerados que fazem os pobres pagar, ainda continuam a levar para longe da pátria os braços que tanta falta nos fazem?! Maldito Olivares! E tudo

por uma causa que não é nossa; já nem sequer eles sabem por que lutam! Como é que o canalha do Olivares e o seu capacho Diogo Soares se atrevem a arrancar violentamente aqueles que são o amparo das famílias?! Malditos sejam!!

— Não fazemos nada, chefe?!

— Estás louco, Elias?! Claro que fazemos! Conseguiu saber quantos recrutadores são?

— Sim, chefe. É cerca de uma dúzia deles e sei para onde foram...

O chefe acenou com a cabeça, satisfeito.

— Trabalhaste bem. Ora, vejamos... Nós somos treze, portanto em igualdade. Além disso, bem armados... Não podemos permitir que continuem a forçar os infelizes a saírem da pátria para irem morrer numa guerra estúpida. Elias, quero que me contes tudo, sem omitir pormenor algum. Preciso de engendrar um plano de acção!

O homem que assim falava devia ter trinta e oito anos; rosto nobre tisonado pelo Sol, de feições correctas; maxilares fortes e salientes; olhos castanhos-claros, de expressão leal e sincera; cabelo forte e ondulado também castanho; forte e musculado, de estatura mediana. Via-se que fazia muito exercício físico, pois não tinha um grama de gordura no corpo esbelto. Vestia de verde-escuro, tal como muitos dos amigos. À cintura, pendurada de um cinto de couro, uma bela espada de copos trabalhados, digna de um príncipe, única prova, talvez, da nobreza de nascimento. Nas botas de couro macio escondia-se um punhal de lâmina reluzente em cada uma delas. A sua voz forte inspirava respeito e temor.

Naquela época em que existiam tantos salteadores espalhados pelo país, muitas vezes sem o serem por opção e sim por necessidade, era o mais temido, pela sua valentia, coragem e inteligência. Merecidamente conquistara-lhes o cognome de *Sem Pavor*, em homenagem ao intrépido Geraldo Geraldês, e ninguém sabia o seu verdadeiro nome, nem mesmo os companheiros de infortúnio.

Tal como o destemido *Sem Pavor*, contemporâneo de D. Afonso Henriques, possuía um pequeno, mas bravo exército de ladrões, e normalmente atacava de noite, espalhando o terror entre os espanhóis e os portugueses ao serviço de Espanha. A sua fama corria o país de lés a lés. Inesperadamente, lá estava ele atacando o coche de alguém importante, despojando-o dos seus haveres, principalmente se havia suspeita de ser do relacionamento do odiado ministro...

Muitos destes salteadores tinham família, mas, a pouco e pouco, foram-se juntando àquele homem astucioso, ora fugidos do recrutamento

forçado que o sistema de Olivares promovia, para irem servir na Guerra dos Trinta Anos, nos campos de batalha da Flandres, de Roussillon e de Itália, ora fugindo à Inquisição, ora por simples opção de vida. Roubavam tudo o que apanhavam à frente e nada os detinha. Pela calada da noite, muitos iam visitar a família e espiar o que se passava na cidade, e pela madrugada dentro, quando todos ainda dormiam, regressavam ao covil.

Sem Pavor voltou-se para os outros homens, com os olhos brilhantes de entusiasmo.

— Já sei o que vamos fazer!

E foi dando as suas ordens a cada um deles, sem esquecer de juntar uma palavra de apoio e de amizade.

Os ladrões verificaram as armas, meticulosamente. Cada qual tinha uma maneira diferente de lutar; havia aquele que além da espada possuía dois punhais, como o altivo *Sem Pavor*; havia o que lutava com as mãos e com paus robustos, exímios nessa arte; outros usavam arco e flecha, se queriam ser mais silenciosos; uns possuíam um par de pistolas...

— Tu, Macário, vais ter de ir perguntar ao nosso amigo D. Pedro de Castro se podemos contar com a ajuda dele, em caso de necessidade. Isto no caso de ser necessário escondermo-nos e aos que resgatarmos, no castelo dele. Esperemos que não se chegue a esse ponto... Depois, espera aqui por nós.

Macário desapareceu por entre as árvores, desconsolado por não entrar na “brincadeira”.

— Estão todos preparados? Já verificaram tudo?

— Sim, chefe! — responderam-lhe a uma só voz.

O luar dava-lhes um aspecto feroz e fantasmagórico e as lâminas brilhavam, misteriosamente.

Uma coruja piou, sobressaltando-os. Voou sobre as cabeças deles, à caça de ratos.

Os ladrões andavam apressadamente e olhavam para todos os lados com mil olhos. A qualquer ruído suspeito saltavam para o lado, com instintos de gato. Conforme iam caminhando, sujavam a cara com terra, para não serem facilmente reconhecidos se fossem vistos.

Ao fim de uns minutos, chegaram perto do sítio indicado por Elias. A cidade estava em silêncio, embora de vez em quando se ouvisse o ladrar de um cão vadio.

Acercaram-se de uma taberna mal iluminada onde os recrutadores haviam parado para molhar a garganta depois de tão árdua tarefa. Os presos estavam acorrentados uns aos outros, de mordaça na boca para não

gritarem por socorro. Os cavalos relincharam ao sentir a presença de estranhos.

Pé ante pé, foram-se aproximando, escondendo-se em lugares estratégicos. *Pé Ligeiro*, que tal como o nome indicava, era muito ágil, juntou-se aos presos, sem estes terem dado por isso. Fez sinal aos outros para que se lhe juntassem e começou a soltá-los das correntes, trabalho complicado, diga-se de passagem... Não pôde evitar fazer um certo barulho que atraiu a atenção de alguém do interior do estabelecimento.

Sem Pavor encostou-se à porta, de ouvido alerta.

— *Despachem-se!*

De repente, uma cabeça curiosa assomou à entrada. Arregalou os olhos, desconfiado ao ver tantos homens armados, cujos olhos, dentes e lâminas brilhavam de uma maneira estranha e perigosa. Estremeceu ao observar os rostos tão escuros e ferozes. Quando ia dar o alarme, *Sem Pavor* encostou-lhe o punhal ao pescoço, segurando-o firmemente.

— Se dás um ai, morres aqui mesmo!

O soldado dilatou os olhos de terror e tentou soltar-se.

— Quietos! Ou és um homem morto, espanhol de uma figa!

Os outros salteadores ajudavam *Pé Ligeiro* a libertar os presos.

Repentinamente, e quando eles menos esperavam, o soldado desatou aos berros.

— *Aquí! Aquí, compañeros! Aquí!*

Sem Pavor cortou-lhe a garganta, mas já era demasiado tarde. Ouviu-se o quebrar de loiça e bancos a serem derrubados com a pressa de se levantarem e acudirem aos gritos do companheiro. Surgiram à entrada, de espadas nas mãos, alarmados.

O capitão dos ladrões atirou-lhes com o corpo inerte para cima e eles atrapalharam-se um pouco. Passado o momento da surpresa, lançaram-se sobre os contendores, furiosos pela morte do outro homem.

O combate começou. Enquanto Elias e mais dois jovens acabavam o trabalho que *Pé Ligeiro* começara, o resto do bando ajudava *Sem Pavor*, demonstrando uma valentia digna do chefe que tinham.

— Já está, chefe! — gritou Elias, ofegante.

— Leva-os daqui depressa! Os outros ficam comigo!

Elias empurrou os infelizes, muitos deles fracos e já não muito novos, à sua frente. Lá conseguiram encontrar forças para correr ao lado dele, mal acreditando na sua sorte.

Entretanto, a luta continuava, mais renhida do que nunca. *Sem Pavor* surpreendia os soldados com a sua espada, mais ágil e perigosa do que

qualquer uma que já haviam defrontado. Este homem não combatia como o resto do bando, que pegava na lâmina, furiosamente, como se de um pau se tratasse; ele segurava na bela espada, como se fosse uma simples pena e fazia o que queria dos seus rivais, aterrorizando-os. Três jaziam mortos no chão e alguns encontravam-se feridos em diversos sítios, embora o mais comum fosse o braço que empunhava a arma... O destemido *Sem Pavor* mantinha a mão esquerda na anca, imperturbável, mais que prova de ter sido em tempos um gentil-homem.

Pé Ligeiro, *Olho Vivo* e *Dente Real* empunhavam duas espadas curtas e tanto se serviam de uma como de outra, sem preferência, deixando os soldados atarantados. Os outros encontravam-se feridos superficialmente, mas nem mesmo assim abandonavam os amigos.

— *Maldición! Qué usted es un verdadero diablo!* — gritou o soldado que lutava com o chefe dos salteadores, meio morto de cansaço e muito pálido.

— Com todo o prazer, miserável! E que um raio lhes caia na cabeça! — gritou *Sem Pavor*, desferindo um golpe rápido e seco no peito de um que o ia ferir à traição e que caiu com grande estrondo. Desarmou o que lhe falara, com uma estocada no braço direito. — Amigos, retirem enquanto há tempo! Já oiço vozes ao longe!

Os assaltantes olharam-no, espantados.

— Não desafiem as minhas ordens! Eu sei o que estou a fazer! Desapareçam! Eu avenho-me bem com estes miseráveis! Atira-me a tua espada, *Olho Vivo!*

Os salteadores afastaram-se de mau grado, deixando o chefe a braços com quatro homens, um deles ferido num ombro. Para o tenaz *Sem Pavor* aquilo era canja... Virava-se para a esquerda, ferindo um, voltava-se para a direita, ferindo outro e usava as espadas ao mesmo tempo, deixando-os completamente desorientados.

De dentro da taberna o dono observava a escaramuça, de olhos arregalados. Embora lhe tivesse sido ordenado por um dos soldados a ir pedir ajuda, não arredou pé, tentando dar algum tempo aos ladrões para fugirem. Afinal, nada haviam tentado contra a sua casa... Por fim, receando represálias, saiu pelas traseiras, pretendendo fazer o que lhe haviam ordenado.

Mas já não havia necessidade, porque já se ouviam vozes e cascos ao longe. Era um pelotão da guarda que vinha acudir ao barulho. De longe escutara ruídos da contenda, os gritos, os tiros, o bater de lâminas...

Sem Pavor olhou para todos os lados, furioso. Nem mesmo assim demonstrou receio, apesar de saber que vinha aí ajuda para os seus inimigos.

Encolheu os ombros. Felizmente os companheiros estavam a salvo. Não morreria sem que matasse uma dúzia deles, pelo menos...

— *Salteador maldito, estás muerto, ahora!* — gritou um dos soldados, com um riso escarninho. Imediatamente recebeu uma estocada irresistível em pleno peito, sem disso se aperceber, tal a rapidez com que foi executada, e caiu no chão, desfalecido.

Naquele preciso momento, um vulto escuro montado num cavalo igualmente negro como o breu surgiu diante deles, sobressaltando-os e vindo de direcção oposta à dos soldados. Não chegou a desmontar e estendeu a mão ao salteador que, rápido que nem um relâmpago, saltou para a sela, agarrando-se ao corpo do seu salvador com firmeza. Não era exageradamente orgulhoso ao ponto de não ver que melhor ocasião não havia para retirar.

O misterioso cavaleiro deu uma reviravolta e, debruçando-se sobre o animal, desferiu um golpe rápido no peito do soldado que se preparava para disparar um tiro sobre ele.

Um espanhol correu em socorro do outro, mais branco do que a camisa que envergava.

— *Maldito seas, capitán Gualdim! Miserable!*

O capitão Gualdim soltou uma gargalhada trocista e largou à desfilada, desaparecendo por entre as árvores, não parando de correr, pois com luar era mais fácil avistá-los. Ainda ouviram gritos, mas pouco depois deixaram de os escutar.

Galoparam durante muito tempo, calados, mais preocupados em escapar aos prováveis perseguidores do que em fazer as apresentações. O mascarado ia seguindo as instruções do salteador, não demonstrando estranheza por se aproximarem das terras de D. Pedro de Castro.

Quando chegaram ao acampamento, Elias saltou-lhes ao caminho, ameaçador. Reparou logo de quem se tratavam os visitantes e arregalou os olhos, espantado. Era a primeira vez que via o misterioso mascarado, embora já tivesse ouvido falar muito dele.

— Está bem, chefe?

Este soltou uma gargalhada rouca. Saltou para o chão e estendeu a mão ao mascarado, que lha apertou com um sorriso agradável.

— Claro que estou, homem! Leva daqui os foragidos e põe-nos a salvo, porque não tarda nada teremos companhia, certamente!

Elias soltou um suspiro aliviado por ver que o chefe não estava ferido.

— Agradeço a ajuda, capitão Gualdim, e espero vir a retribuir-vos o favor, um dia...

Gualdim tirou o chapéu numa vénia cortês e respeitosa.

— Não tem de quê, companheiro. Foi um prazer ser de alguma utilidade a tão nobre pessoa e nunca a minha espada apreciou tanto enfiar-se em peito tão infame! Quanto ao resto, não se preocupem. Eu saberei iludir a vigilância dos que vos perseguem. Felizmente já estou calejado em escapadelas difíceis... Despistá-los-ei com a maior das facilidades.

E com uma gargalhada, saiu da vista deles.

Os homens entreolharam-se de boca aberta.

Sem Pavor estava pensativo. Algo no mascarado lhe despertara desconfiança, mas não sabia o quê. O que teria sido? Alguma coisa que dissera, fizera, ou algo familiar no rosto? Não conseguia lembrar-se, por mais que se esforçasse.

— *Olho Vivo*, pelo sim, pelo não, ficas a vigiar e se ouvires qualquer coisa suspeita, avisa-me!

— Sim, chefe!

— Quanto a vós, amigos, é melhor ficarem aqui escondidos por uns dias e depois, se resolverem voltar, podem ir, embora possam ficar connosco se o desejarem. Talvez seja o mais seguro para vós. Podem ver a família sempre que não seja perigoso.

Eles acenaram afirmativamente com a cabeça, aliviados. Tinham sido demasiadas emoções para um dia só...

Entrementes, o mascarado, tal como prometera, desnorteava a guarda que o perseguia, infatigável, afastando-a do acampamento do bando de salteadores.

De madrugada, os guardas desistiram, furiosos, e foram apresentar contas no Palácio da Ribeira, acordando o ministro que ao saber do ocorrido quase espumou de raiva.

Mascarado diabólico! Miserável tratante! Ainda me arranja sarilhos com o rei! Que hei-de responder a Olivares quando me pedir contas?! Se bem conheço a duquesa Margarida, não tarda nada em informar a corte de Madrid do que se passa por aqui. O que vale é que Olivares não liga grande importância aos temores dela..., pensou, franzindo as sobrancelhas. Encheu um cálice até ao cimo, bebendo-o de um só trago, fazendo assim jus à sua fama de bêbado. *Tenho de escrever urgentemente a Diogo Soares para ele me aconselhar o que fazer.*

Diogo Soares era o braço-direito do conde-duque, o vil executor do despotismo atroz desse ministro. Além disso, era parente chegado de Miguel de Vasconcelos e mereciam-se um ao outro, de tão infames... Era secretário do ministério dos Negócios de Estado, Fazenda e Justiça do Con-

selho de Portugal, em Madrid. Os dois maquinavam os mais mesquinhos planos para destruir a nobreza e o país. Olivares não podia ter melhores aliados nessa dupla de demónios portugueses, que tudo faziam para aviltar a pátria.

— Preciso mesmo de descobrir quem é esse capitão Gualdim!

Voltou para o quarto e, quando se ia vestir, os seus olhos argutos repararam em algo estranho à harmonia dos aposentos. Numa das muitas gavetinhas de um móvel que se chamava contador encontrava-se uma folha de papel espetada num puxador...

Aproximou-se, espantado, e arrancou-a de lá com um safanão. Fez-se de todas as cores ao ler o que lá estava escrito. Depois empalideceu, tal o ódio que sentiu. Amarrotou o papel e atirou-o para o chão, pisando-o, enraivecido.

— Este homem é um autêntico demónio! Parece estar em toda a parte! Raios o partam! Canalha!

A mensagem que tanto irritara o ministro era a seguinte, e que há muito andava nas mãos de todos:

*“E por não parar no extremo
Destes o mais vil ladrão,
Bêbado, torpe e bufão
É secretário supremo.*

Com os cumprimentos do seu estimado...

Capitão Gualdim”

Não muito longe dali, um cavaleiro vestido de negro ria-se com ar divertido, imaginando a cara do ministro quando desse com a missiva...

CAPÍTULO VI

*Com a política de Olivares
Portugal anda de rastos.
Cautela p'ra não deixares
Nossos sentimentos intactos.*

— **T**io, que opinião o senhor tem acerca de D. Pedro de Castro?
— perguntou Laura, sentando-se e abandonando as mãos no regaço. Fingia-se desinteressada, mas olhava de esguelha para ele.

D. Fernando de Lencastre era um indivíduo com os seus cinquenta anos bem vividos, alto, forte e de aspecto agradável. Inspirara grandes paixões na sua juventude e ainda era desejado por algumas damas... Calmo por natureza, gostava de apreciar as coisas boas da vida com muito vagar e prazer, tal como um perito prova um bom vinho. Detestava falar de política e por vezes quase não se conseguia conter sem dizer na cara da pessoa o que pensava dela. Vestia-se bem, mas sem muito luxo, já que o seu feitio simples não lho permitia. Pouca gente sabia o que ele pensava acerca do que se passava no país. Sempre que se falava em tal, desviava a conversa. Nunca casara, pois não gostava de se sentir preso.

Naquele momento olhava para a sobrinha com um ar malicioso.

— Acho-o muito educado e inteligente. Além disso, é um excelente espadachim. Se o teu pai fosse vivo, minha querida Laura, era a única coisa que contaria! — disse, com uma gargalhada divertida. Ele e o pai da jovem, seu cunhado, sempre se haviam dado bem, apesar de não conviverem muito. Sempre que tinha possibilidades, viajava, pois era uma das grandes paixões que lhe conheciam. Se não fora ter de criar a sobrinha,

filha da sua amada irmã, ainda andaria por esse mundo fora, em busca de excitação e aventura.

A bela rapariga sorriu, beijando-lhe a mão com carinho.

— Então, aprova um possível noivado com o Pe... D. Pedro?

— Claro que sim, minha querida. Não podia aprovar mais a tua decisão e bom gosto.

A sobrinha atirou-se-lhe ao pescoço, sorridente, beijando-lhe as faces, entusiasmada.

— Meu querido tio, que bom que o senhor é!

D. Fernando sorriu e beijou-lhe a fronte, com ternura. Levantou-se e aproximou-se duma varanda que se abria sobre o jardim e, lá ao longe, avistou o Tejo, cujas águas límpidas brilhavam ao sol da manhã.

Era um enorme palacete, aquele. Cinquenta divisões só nos dois pisos. O rés-do-chão era constituído pela cozinha descomunal, sempre fervilhante de gente, quartos para trinta criados, cavalariças, armazéns, adega, sala de armas e palheiro. Um bonito jardim bem cuidado e com muita variedade de flores e plantas fazia as delícias de todos. No centro, um lago artificial, repleto de peixinhos de várias tonalidades. O caminho que lá ia dar estava ladrilhado de mosaico vermelho e negro e alguns bancos de jardim, de ferro forjado branco, descansavam à sombra de chorões, tílias perfumadas e plátanos.

Naquele momento, um coche dourado e verde, puxado por dois robustos cavalos castanhos, parava diante do palacete e dele saíram três gentis-homens elegantes e atraentes, rindo e conversando animadamente.

D. Fernando sorriu e voltou-se para a sobrinha que se recostara na poltrona e olhava, sonhadora, para um ponto imaginário do salão.

— Falávamos no diabo e aparece-lhe o rabo... Aí vem o teu admirador número um. E como não podia deixar de ser, acompanhado pelos amigos.

Laura estremeceu, alvoroçada. O coração começou a bater-lhe forte no peito e a garganta parecia estrangulá-la. Levantou-se de um salto e alisou o vestido de seda verde-água, apressadamente, perante o ar trocista do fidalgo. Deu uma espreitadela rápida ao espelho. O que viu agradou-lhe e sorriu, encantadora. Aliás, estava maravilhosa, como sempre. O vestido cingia-se-lhe ao corpo e deixava ver um pouco do peito, o pescoço e os braços, brancos como a neve. Da cintura pendia-lhe uma bolsinha de seda verde, cujo conteúdo consistia num relógio de ouro e um espelhinho dourado. O cabelo estava enfeitado com alguns colares de pequenas pérolas, num penteado simplesmente deslumbrante.

Encontravam-se no salão nobre. Vários sofás, poltronas, cadeirões e banquinhos para descansar os pés espalhavam-se pela enorme divisão, que em tempos áureos servira para muitos bailes. Os reposteiros caíam em amplas pregas, apanhados aos lados com cordões de seda dourada. Tanto os estofos como o tecido dos reposteiros eram de brocado cor de salmão. Belas tapeçarias da Flandres, de cores alegres, enfeitavam as paredes, e painéis de azulejos azuis, com cenas da História de Portugal, cobriam a toda a volta a parte inferior, dando-lhe uma beleza incomparável. Várias credências em madeira exótica estavam em simetria de um lado e outro do salão, com vasos da China a transbordar de flores do jardim, perfumando agradavelmente o ambiente. Uma mesa de pé de galo, maravilhosamente entalhada a concha e um móvel onde se encontravam as bebidas, os cristais e as pratas, completavam o mobiliário. No chão, carpetes em tons de salmão e cinzento e, nas paredes, de distância a distância, e no tecto, candelabros de cristal com velas cor-de-rosa. Vários espelhos de Veneza espalhavam-se pelo salão. Numa das paredes laterais ficava a lareira de tamanho descomunal, abandonada nessa altura do ano, e sobre ela um brasão com as armas da família bordadas a ouro.

O mordomo de libré entrou no salão e anunciou os visitantes, numa voz austera.

Pedro, Afonso e Diogo afastaram o reposteiro da entrada e dirigiram-se para os donos da casa, sorrindo.

— Estais mais bela do que nunca, menina Laura! A vossa beleza ofusca o Sol e até admira que este não se esconda atrás das nuvens, envergonhado... — observou Afonso, beijando-lhe a mão, galanteador.

Laura soltou uma risadinha, bem-humorada.

— Que exagerado sois!

Os outros dois também lhe beijaram a mão, galantes.

— O que o nosso amigo Afonso disse é pouco em comparação com tal formosura e virtudes...

— Por favor, cavaleiros, assim deixais-me embaraçada.

D. Fernando apontou as poltronas aos visitantes. Cofiou o bigode, sorrindo divertido.

— Segundo ouvi dizer, meus caros jovens, parece que andaram bastante atarefados há uns dias...

Os três amigos entreolharam-se. Diogo confirmou com a cabeça.

— D. Fernando deve estar a referir-se ao que aconteceu na estalagem *Os Três Gatos Pingados*...

Afonso tirou o chapéu de pluma e poisou-o ao seu lado, enquanto se

sentava. Vinha elegantíssimo, como sempre. Vestia de negro, o que realçava mais a sua pele branca e os cabelos louros.

— Nada se passou de tão interessante, D. Fernando. Nem sequer pegámos na espada, o que seria um desperdício, diga-se em abono da verdade... Não sei como aconteceu, sinceramente, só sei que, de repente, reparámos que um dos estrangeiros que tinham tido o desplante de nos provocar estava caído no chão e parece que ficou desacordado uma porção de horas. Ainda hoje estou para saber o que lhe terá causado tal desmaio... Ao que soube mais tarde, acabou por ser levado em braços para casa do ministro, pois são amicíssimos! — informou, muito sério. Uma das suas mais admiradas facetas era contar uma história como ninguém, e mesmo a mais cómica e divertida narrativa não lhe arrancava um sorriso. — Quanto aos espanhóis, segundo me parece, tiveram pior sorte. Um deles partiu um braço e uma porçãozita de costelas e o outro ficou com um ombro fora do lugar, a cabeça ligada e pouca coisa mais...

— Estes cavaleiros não têm cuidado nenhum... — comentou Pedro de Castro, abanando a cabeça de uma maneira muito cómica.

D. Fernando soltou alegres gargalhadas e até as lágrimas lhe correram cara abaixo.

— Com que então foi coisa pouca! Bem, se o senhor o diz... Parece-me é que o ministro não ficou nada satisfeito com o ocorrido.

— Problema dele! — respondeu Pedro, com um esgar de desprezo. — Ele que não seja idiota e não prefira os estrangeiros aos portugueses. Esse maldito é o culpado de todo o mal que acontece no nosso país. Em Madrid só ligam importância aos nobres portugueses quando estes se prestam a adular os ministros. Quando assim não sucede, são-lhes preferidos para todos os empregos homens de baixa condição. E não ponho dúvida em que este estado de coisas é da inteira responsabilidade de Vasconcelos, que nos vota um ódio de morte. Como é grande comparsa de Olivares, consegue influenciá-lo muito bem e para isso conta também com o infame Diogo Soares.

Diogo começou a andar de um lado para o outro.

— Se nem podemos apresentar as nossas queixas ao governo de Madrid, pois proibiram-nos sob pena de multa! Onde é que já se viu fazerem-se em Madrid despachos para Portugal, sem que fossem ouvidos os interessados?! É inaudita tamanha idiotice!! É claro que não tínhamos outro recurso senão pôr embargos. O maldito Olivares é um déspota descarado! — observou, tremendo de indignação.

A jovem escutava a conversa, interessada. Embora a maioria das mulheres não apreciasse política, ela nem por isso desgostava tanto.

— E haverá maior barbaridade do que a que o governo de Madrid comete, levando para a Flandres os nossos fidalgos e outros voluntários portugueses, com promessas de favores e oferta de prémios, quando as nossas colónias, lutando contra tantos inimigos, nos pedem socorro?! Às queixas desses infelizes não se atende! Para não falar no recrutamento forçado que acontece nas províncias, em que levam os pobres acorrentados, como animais, deixando assim as famílias desamparadas... — comentou Afonso, com os olhos brilhando de raiva.

Todos se entreolharam, espantados com a reacção do calmo e sempre despreocupado Afonso. Nunca o tinham ouvido falar com tanta emoção de outra coisa que não fosse mulheres, vestuário e esgrima.

Ele soltou uma gargalhada, divertido. De certa maneira também se surpreendera a si próprio.

— Parecem surpreendidos, meus amigos. Afinal, não sou tão fútil como vocês pensavam...

Pedro de Castro fitava-o, meio desconfiado.

— Realmente, não é para menos. Eras sempre tu que nos impediás de falar sobre a política do conde-duque e seus comparsas. Parece-me bem que por baixo dessa máscara imperturbável se esconde um grande patriota, que nada ficaria a dever ao célebre Gualdim...

Afonso de Menezes corou como uma moçoila.

— Que ideia, meu amigo!

D. Fernando sorriu com benevolência.

— É melhor não se falar destes assuntos levemente, pois torna-se muito perigoso, meus caros jovens. Há espiões por toda a parte... Claro que aqui podem estar à vontade.

Laura levantou-se e aproximou-se da varanda, ficando a sua figura emoldurada por uma luz dourada, encantando os quatro homens. Os olhos de D. Pedro de Castro brilhavam de amor ao fitá-la, enlevado.

— Não gosto nem percebo muito de política, mas sei bem que Olivares, com todos estes vexames fiscais e provocações aos foros do reino, nada mais pretende do que produzir motins, para poder subjugar pelas armas o nosso país e, assim, tratá-lo como revoltoso e culpado. Só assim alcançará o que tanto deseja: a unificação de todos os Estados e tornar a Espanha num só país.

Ficaram silenciosos por momentos. Já lhes ocorrera semelhante pensamento, mas não com a clareza que a jovem expressara. Acabaram por

concordar. Quaisquer outros estranhariam ouvir duns lábios femininos um raciocínio tão frio e verdadeiro, mas visto que pertenciam à doce e sensível Laura de Noronha, tinham o dever de não se surpreenderem. No fundo, sabiam que tinha razão.

— De certa maneira até se compreende o ódio intenso que o conde-duque vota a Portugal e à Catalunha, precisamente as faixas oriental e ocidental da Península, curiosamente. Devido ao amor selvagem que sempre tiveram pela independência, são um entrave ao seu plano, pois reagem energicamente contra qualquer projecto de assimilação ibérica. Só não se aceita é o que Diogo Soares, em Madrid, e Vasconcelos, em Lisboa, fazem a este país. Estes dois homens superam o conde-duque em engenho para extorquir dinheiro e inventar novos impostos, que vai direitinho para os cofres de Filipe... Todo esse dinheiro, em vez de prover às nossas necessidades, como o ministro diz, é desviado dessa aplicação para o luxo da corte espanhola e encher ainda de mais riqueza os conventos deles. O tributo do consulado devia servir para defender as nossas costas, constantemente assaltadas até pelos mouros; as terças obtidas para a reparação das fortalezas, que continuam desmanteladas; o acréscimo das sisas devia ir em socorro das colónias que, no entanto, continuam sem auxílio.

Nunca D. Fernando se alongara em tão extenso discurso. Aliás, as pessoas que o conheciam não saberiam dizer se seria contra ou a favor da unificação da Península Ibérica. Dissera tudo aquilo com os olhos inflamados de comoção e mal se apercebeu disso, calou-se, perturbado.

A entrada do mordomo no salão salvou a situação.

— D. Manuel de Vilar!

Todos estremeceram involuntariamente, apercebendo-se do perigo que teriam corrido se essa personagem tivesse escutado toda a conversa.

O gentil-homem entrou, com ar arrogante, atirando com o chapéu de longa pluma azul forte para cima do mordomo, que se retirou, de sobrolho franzido, levando o chapéu por uma pontinha, como se desprezasse pegar-lhe normalmente.

Como sempre, vinha vestido de maneira espalhafatosa e todos tiveram de se conter para não soltar risadas. O fato era cor de vinho, com enfeites azuis por todo o lado; os folhos da camisa exageradamente longos e a capa azul. Agulhetas de diamantes espalhavam-se-lhe por todo o corpo, mesmo quando não havia serventia para elas. As botas de couro macio, curiosamente, compartilhavam da cor da capa...

Olhou para todos, sem disfarçar um esgar de contrariedade ao reparar nos convidados, tão indesejáveis para ele. Pensou com desprezo como

estavam mal vestidos em comparação consigo próprio; todos de escuro, como se estivessem de luto... Sinceramente, que mau gosto!

— Ora, viva! Como estais, D. Fernando? Espero que de boa disposição...

O tio de Laura cumprimentou-o com um aceno de cabeça, aborrecido. Detestava o ar paternalista do visitante, como se o facto de ter cinquenta anos fosse motivo para ser tratado como um velho senil. A vontade que tinha, sempre que o via, era deitá-lo sobre os joelhos, como a uma criança malcriada, e dar-lhe uns valentes açoites, se possível com um pau bem grosso e rijo, capaz de o deixar sem se poder sentar pelo menos durante seis meses.

— Como vão, senhores? — saudou, com petulância e mal se dignando a olhá-los.

Aproximou-se e pegou na mão da bela Laura, beijando-a, deleitado. Pedro de Castro teve de se controlar para não lhe atirar com uma jarra à cabeça.

— Reparo que a mais linda jóia do reino continua a brilhar intensamente, ofuscando-nos com o seu brilho. Ao pé de si, o Sol escurece e as estrelas apagam-se... A menina deve ser uma deusa que caiu neste reino por puro acaso. Da sua maravilhosa boca só saem pérolas, transformadas depois em meras palavras, imerecedoras de tão perfeitos lábios... — Estas palavras eram ditas com a petulância que o caracterizava e que irritava quase todos com quem convivia.

D. Fernando levantou-se, enfasiado.

— Com licença. A minha paciência já não é o que era...

D. Manuel franziu a boca num esgar de contrariedade ao ver o nobre cinquentão abandonar o salão, provavelmente por sua causa.

Laura retirou a mão, apressadamente, um pouco enojada de tantos beijos molhados.

— Como estais, D. Manuel?

D. Pedro aproximou-se do outro, com um sorriso trocista.

— Então, caro D. Manuel, já vos preparastes para o duelo com o capitão Gualdim?

Ele corou, embaraçado, e a jovem olhou para ambos, surpreendida.

— O senhor D. Manuel vai bater-se em duelo com o capitão Gualdim? Porquê?

— Pensei que os vossos três admiradores já se tivessem encarregado de vos comunicar isso — observou, despeitado. — O caso é o seguinte: fui desafiado para um duelo pelo capitão Gualdim, pois, não sei como, ele

soube que anunciei publicamente o que faria se o tivesse à minha frente. É só!

— Que loucura, D. Manuel! Não conheceis a fama desse cavaleiro?! Parece que nunca foi vencido! Vai matar-vos, caro amigo!

O vaidoso cavaleiro estremeceu. Empertigou-se, ofendido.

— Quanto a isso, não deveis atormentar essa linda cabecinha com tão funestos pensamentos. Esse mascarado não conseguirá tocar-me num só cabelo, afianço-vos. A espada dele, logo que vir a minha, empalidece de susto e vergonha. Se a minha sombra quase não ousa seguir-me, com receio do que lhe possa suceder... O mais feroz animal encolher-se-ia de medo se me visse passar ao lado dele.

D. Pedro soltou uma risadinha, divertido, e os outros dois cavaleiros acercaram-se da varanda, para poderem rir à vontade.

D. Manuel atirou com a capa para trás das costas, num movimento arrogante e acintoso.

— Se não estivéssemos já comprometidos em bater-nos em duelo, desafiar-vos-ia novamente, D. Pedro!

Laura olhava de um para o outro, abismada.

— Mas de que é que os senhores estão a falar? Segundo depreendi da vossa conversa, pretendeis bater-vos em duelo?

— É a mais pura verdade, menina Laura, falta só acertar a hora, o local e a arma.

— É lógico que não o podemos fazer antes de saber o resultado do duelo com o capitão Gualdim. Se ele fizer jus à fama, o nosso caro D. Manuel não viverá o suficiente para esgrimir comigo...

O outro estremeceu de raiva e levou a mão à espada. Controlou-se quase imediatamente. Os olhos brilhavam-lhe de malícia.

— Veremos! Esse capitão Gualdim vai ter uma bela surpresa!

— Se não vos importais, senhores, mudemos de assunto.

Naqueles tempos as mulheres não ousavam interferir nos assuntos masculinos, muito menos em questões de honra, tão importante para eles.

Ainda ficaram na conversa alguns minutos, cada um tentando que o outro saísse primeiro, para ficar uns momentos a sós com a donzela. Ninguém parecia interessado em dar o primeiro passo até que D. Manuel, percebendo que D. Pedro não arredaria pé dali, retirou-se, ardendo de raiva e ódio. Na sua tortuosa mente já arquitectara um maquiavélico plano. Ia só deixá-lo amadurecer um pouquinho mais...

Logo após a sua saída, os três amigos riram-se às gargalhadas. Despediram-se da donzela e do tio, que logo surgira no salão após a saída de

Vilar. Estes acercaram-se da varanda e ficaram a ver os cavaleiros a meterem-se no coche, ainda a rirem. Acenaram-lhes e aguardaram até o veículo desaparecer de vista, em direcção ao castelo de D. Pedro.

— Se queres que te conte uma suspeita minha, Laura, desconfio que um desses jovens é o capitão Gualdim.

Ela fitou-o, abismada. Os seus olhos azuis demonstravam toda a surpresa que lhe causara a declaração de D. Fernando.

— O que diz, tio?! Não é possível!

Ele fez-lhe uma festa no rosto, carinhosamente.

— Tudo é possível, minha querida... E digo-te mais, o meu palpite aponta para D. Afonso que, com a sua maneira de ser, fútil e despreocupada, ilude toda a gente. Há bocadinho descaiu-se. Sim. E tenho a impressão que D. Pedro concorda comigo. Vi-lhe a desconfiança nos olhos quando ouviu o amigo — informou o fidalgo, com um sorriso. — Posso estar enganado, o que duvido muito, mas penso que seja ele o nosso capitão Gualdim...

CAPÍTULO VII

*Toda a gente se interroga
Quem será o mascarado?
Pedro, Afonso ou Diogo?
É um mistério pegado.*

— **A** audácia daquele fanfarrão em dizer que me desafiaria novamente para um duelo! Como se tivesse sido ele a desafiar-me da primeira vez...

A carruagem seguia aos solavancos pelas ruas de Lisboa, cruzando-se com outras e congestionando, dessa maneira, o desregrado trânsito. Passaram por uma viela estreita e quase ficavam por lá, devido a uma carroça que descarregava tonéis de vinho tinto.

— Realmente, aquele D. Manuel não tem emenda! Só espero que o capitão Gualdim lhe dê uma boa lição!

— Falando nisso, houve uma coisa que Vilar disse que me deixou desconfiado... que o capitão Gualdim iria ter uma bela surpresa!

— Sim... também ouvi, mas interpretei-a como mais uma das suas fanfarronices.

Afonso olhou para eles, apreensivo.

— Será que está a pensar fazer algo de indecoroso? Pensam que o possa trair?

— Não se atreveria a tal ignomínia!

— Não?

Por momentos, ficaram calados.

— És capaz de ter razão, Pedro. O capitão Gualdim devia ser prevenido, mas, como?, se não sabemos quem ele é...

Ainda discutiam este assunto quando o coche chegou ao castelo pertencente à família de D. Pedro de Castro. O património que o rodeava era vastíssimo e rico em terras e florestas. Já contava bem uns bons séculos, mas conservava-se belo e altivo, como a transparecer o orgulho da tão nobre família que o habitava.

O castelo era quadrado com uma torre em cada extremidade. Várias frestas pareciam espreitar os visitantes. No pátio interior existia um pequeno lago artificial e, ao longo de quatro áleas, os buxos marcavam o desenho das cercaduras, em linhas direitas. Os triângulos feitos pelas plantas estavam repletos de flores, belas e perfumadas, das mais diversas espécies, algumas até raras. Teixos, aparados em forma de bolas, de cães, de pirâmides, alternavam-se, dando uma beleza extraordinária ao local.

O coche passou pelo robusto portão e parou, para que os ocupantes saíssem. Dirigiram-se à ala norte do edifício, onde ficavam os aposentos de Pedro e dos amigos, quando estes por lá pernoitavam.

Subiram uns degraus de pedra polida e desembocaram num corredor atapetado, que abafava os passos. Nas paredes várias carrancas de grandes narizes e sorrisos fúteis pareciam fitá-los com severidade.

Deixaram a galeria dos retratos de família e entraram numa sala extremamente confortável, repleta de tapetes, tapeçarias nas paredes e com várias poltronas e banquinhos estofados de veludo azul, tal como os repositores. Uma das paredes estava simplesmente preenchida de livros, luxuosamente encadernados. Era a divisão mais usada do velho castelo, pela sua comodidade. Duas frestas davam para a floresta e, até se perderem de vista, árvores e árvores seguiam-se umas às outras.

Pedro atirou-se para uma poltrona de dimensões quase assustadoras e lançou o chapéu para cima de um banquinho.

Os amigos imitaram-no.

— Que me dizem a uma refeiçãozita? Parece-me bem que estou esfo-meado...

Diogo e Afonso apoiaram plenamente a ideia.

O dono da casa puxou por um cordão de veludo já gasto pelo uso. Quase imediatamente, um homem, de aspecto irrepreensível e sem um único vinco na libré verde-escura e dourada, surgiu à entrada da porta, com um sorriso no rosto já enrugado pelo passar dos anos. Os cabelos eram brancos e pareciam fofos como maços de algodão. Fez uma mesura.

— Sua excelência chamou?

Apesar dos protestos de Pedro de Castro, o velho continuava a teimar em tratá-lo daquela maneira cerimoniosa, embora o tivesse visto nascer e

muitas vezes pegado ao colo. O cavaleiro já desistira de tentar modificar aquela forma de tratamento.

— Sim, Jacinto. Estamos com uma fome danada e, se não lhe desse muito trabalho, pedia à Januária que nos preparasse uma ceia apetitosa...

Os olhos do mordomo brilharam. O orgulho que sentia naquele menino com tão grandes qualidades, e tão diferente do irmão, ferrenho seguidor do rei espanhol e que por terras de Espanha lá ficara, muitos anos atrás... Tal como a maioria das pessoas humildes, detestava o jugo espanhol e, lá muito no fundo do seu coração, esperava que D. Sebastião, um dia, regressasse a Portugal, envolto em nevoeiro e montado num cavalo branco, para libertar o seu querido país das mãos dos estrangeiros.

Tão silencioso como aparecera, assim desapareceu. Ao fim de algum tempo, uma criada de meia-idade, rechonchuda e de faces coradas, surgiu com uma bandeja transbordante dos mais apetitosos alimentos. Não faltava uma garrafa do tão apreciado vinho de Borba.

Os olhos dos jovens brilharam ao ver as carnes, os queijos, o pão... Enquanto iam comendo, conversavam sobre o que fazer em relação ao mascarado. Por mais que puxassem pela cabeça, não lhes ocorria maneira de o avisarem. No fim de tão saborosa refeição, recostaram-se, mal se podendo mexer, mas sentindo-se satisfeitos.

A criada voltou a reaparecer com uma bacia de porcelana chinesa cheia de água, seguida por uma criadita jovem, trazendo toalhas de linho bordadas à mão. Esperaram que os cavaleiros lavassem e limpassem as mãos. A rapariguita olhava-os de esguelha, admirando-os. Depois saíram.

Começara a escurecer. O Sol já se deitara no horizonte e algumas estrelas surgiam no céu, salpicando-o de luzinhas.

Afonso levantou-se e aproximou-se de uma fresta, olhando para a rua. De repente, algo lhe chamou a atenção, junto ao arvoredado. Voltou-se para os amigos, excitado.

— Tem graça, está ali alguém escondido...

Pedro e Diogo levantaram-se de um salto e acercaram-se dele. Mas, por mais que olhassem, não viram ninguém.

— Não vejo nada!

Afonso fitou-os, perplexo. Voltou a olhar lá para fora. Franziu a testa, abismado.

— Têm razão. Mas era capaz de jurar que há momentos vi um vulto atrás daquele arbusto, ao lado dum cavalo...

Os amigos entreolharam-se, desconfiados.

Quem poderia ser? Ainda olharam para lá, tentando lobrigar algum movimento suspeito, mas nada.

— Que estranho! Bem, agora vou dar um passeiozito.

— Como?! Não nos fazes companhia num jogo de cartas?

Afonso fez um sorriso malicioso e passou os dedos pelo elegante bigode, mirando-se no espelho da parede. Piscou o olho, satisfeito e orgulhoso da sua aparência.

— Lamento, meu caro, mas não posso. Fica para outra ocasião. Olha, joguem ao xadrez. Sinceramente, não lhes posso fazer companhia.

Pedro e Diogo assobiaram maliciosamente.

— E porque não podes, meu caro Afonso?

— É segredo, amigo Diogo. Mas eu vou contar — afirmou ele, alisando a roupa com um sorriso todo emproado. Estava em pulgas para contar tudo aos amigos, vaidoso como era das suas conquistas. — É que tenho um encontro com uma bela senhora...

— Quem é ela, Afonso?

— Como se chama?

— Bem... eu não devia dizer o nome da felizarda, mas já que me pedem tanto — e com um ar misterioso, murmurou aos ouvidos dos amigos o nome da dama, que, no seu entender, estava perdidinha de amores pela sua modesta pessoa.

— De verdade, Afonso? Não estás a mentir? — perguntou Diogo, desconfiado.

O amigo fitou-o, ofendido.

— Claro que não estou a mentir. A verdade é que essa dama está verdadeiramente apaixonada pela minha pessoa — informou, com falsa modestia. Olhou para todos os lados em atitude conspiradora. — Sabem onde vou encontrar-me com ela? No seu quarto! Está tudo combinado. A criada irá abrir-me a porta, enquanto os pais da patroa vão ao teatro.

— Que sorte tu tens, meu amigo! — observou Pedro, trocista. — E ela não disse também que terias de entrar pela porta das traseiras...?

Diogo deu uma gargalhada ao ver o espanto do amigo.

— Como é que sabes? Eu ainda não falei nisso — observou Afonso, desconfiado.

Pedro sorriu com malícia.

— É que também eu já tive um desses encontros com essa linda senhora...

Afonso colocou a mão sobre o peito, como se tivesse sofrido um grande choque. Depois, fingiu-se indignado.

— Quem diria... Bem... não importa; nós somos amigos e é por essa razão que não te desafio já para um duelo.

E os três desataram a rir, divertidos.

— Ah, mas eu também quero ter um desses encontros com tão indulgente dama!

— És um invejoso, Diogo! E se eu fosse vingativo, senhor D. Pedro de Castro, contaria tudo à tua bela amada. Decerto que ela não gostaria nada da notícia.

Pedro sorriu, pensando em Laura. Nem sequer se apercebeu da saída do amigo e só a voz de Diogo o chamou à atenção.

— Onde é que está o tabuleiro de xadrez?

— No meu quarto. Espera um momento enquanto vou buscá-lo.

E saiu da sala azul, caminhando alguns segundos pelo interminável corredor. Afastou um reposteiro grená e entrou num enorme quarto, também decorado a grená, com cama de dossel, e várias almofadas douradas sobre a coberta da mesma cor dos estofos e reposteiros. Duas poltronas, secretária, banquinhos, cadeira, cómoda e um assustador guarda-fatos completavam o mobiliário. Grandes tapetes persas, de pêlo alto e fofo, cobriam o chão e, nas paredes, tapeçarias com cenas de caça. A grande lareira ficava diante do leito, com um retrato da amada. Duas janelas davam para o bosque.

Logo que entrou, alguma coisa lhe deteve a atenção. Um papel amarrado a uma pedra jazia no chão. Soltou uma exclamação de espanto e apanhou-o, desdobrando-o. Leu-o e depois aproximou-se duma janela, espreitando. Não se via vivalma e o céu escurecera de repente, fazendo desaparecer todas as estrelas.

— Ora, esta!

Saiu, apressado, esquecendo-se completamente do que fora fazer.

Diogo levantou os olhos ao vê-lo entrar tão intempestivamente.

— O que foi, Pedro? Então e o tabuleiro?

— Não adivinhas o que encontrei no meu quarto! Esta mensagem do capitão Gualdim, amarrada a uma pedra...

Diogo pegou no papel que ele lhe estendia e leu-o em voz alta:

“Dom Pedro de Castro, espero que perdoeis a minha ousadia. Como conheço a nobreza do vosso carácter e a de vossos amigos, ouse pedir-vos a honra de serem os meus padrinhos no duelo com D. Manuel de Vilar. Acho que posso contar convosco, pois

*estou ao corrente da animosidade que também sentis por ele.
Quanto à minha segurança, podeis ficar descansados. Tal como
vós, também não confio em D. Manuel.
Até à vista.*

Capitão Gualdim”

Entreolharam-se. A mesma pergunta queimava-lhes os lábios.

— Como é que ele sabia que estávamos preocupados com a sua segurança? Isto é muito estranho! Parece que temos um espião entre nós... tal como diria o traste do Vilar.

Ficaram em silêncio por momentos, cada qual tentando adivinhar quem seria a pessoa que se escondia por detrás de uma máscara.

— Diogo, parece-te que Afonso possa ser o capitão Gualdim?

O outro engoliu em seco. Também estivera a pensar o mesmo. Recordou-se de quando, há minutos, Afonso dissera que vira alguém escondido nos arbustos. Podia ser uma manobra dele para lhes desviar as desconfianças quando recebessem a missiva...

— Ninguém conseguiria entrar no castelo e dirigir-se ao meu quarto sem ser visto por um dos muitos criados que por cá habitam. Seria impossível! Quando saí de casa, tenho absoluta certeza que não havia cá mensagem alguma. Depois, voltámos para cá. Que eu saiba, Afonso quando saiu não passou pelo meu quarto — comentou Pedro, pensativo. De repente, lembrou-se de outra coisa, mas calou-se, pensando: *Diogo também lá podia ter deixado o papel, pois saiu por uns instantes quando estávamos a comer...*

Diogo sentou-se, calado. Pelo canto do olho, observou a expressão desconfiada do amigo. Interrogou-se sobre o que ele estaria a pensar. Certamente, não suspeitaria de si... Ou suspeitaria? Pensando bem, até o próprio Pedro podia ter escrito a mensagem e tê-la trazido, como se a tivesse visto pela primeira vez. Não era impossível. Era conhecida a sua arte para esgrimir, a sua coragem e valentia... Até o patriotismo...

O dono da casa passeava de um lado para o outro, incapaz de se manter calmo. Metia-lhe impressão como é que o mascarado descobrira que corria perigo.

Olharam-se fugazmente, como se desejassem adivinhar os secretos pensamentos do outro. Quando se aperceberam disso, soltaram risadas bem-humoradas.

— Estamos simplesmente a ser ridículos! Vê lá, Diogo, que me passou pela cabeça que tu ou o Afonso pudessem ser o capitão Gualdim!

— E eu pensei em ti! Que ideia mais estapafúrdia!

— Se um de vós fosse o capitão Gualdim, só teriam a minha admiração e ajuda, amigos como sempre fomos.

Riram-se e ao fim de algum tempo já jogavam, mais descontraídos. Concentravam-se no jogo, tentando esquecer as outras coisas.

— Fomos um tanto idiotas, Pedro...

Este ergueu as sobrancelhas, admirado.

— Se vamos apadrinhar o duelo do capitão Gualdim, logicamente não pode ser nenhum de nós, e comprovaremos isso amanhã mesmo!

Os olhos do outro brilharam de entusiasmo.

— Tens razão! Como é que pudemos ser tão idiotas?!

E continuaram a rir, tentando afastar a desconfiança das suas mentes, o que, diga-se em abono da verdade, não conseguiram...

CAPÍTULO VIII

*Soares em Espanha
Vasconcelos em Portugal
Suplantam o diabo em manha
Personificam o próprio mal.*

A Lua escondera-se por detrás das nuvens. Não havia uma única estrela no céu. Em redor do Palácio da Ribeira tudo estava envolvido em silêncio e escuridão, salvo uma janela do primeiro andar, iluminada por um candeeiro a azeite. De vez em quando, a sombra de um homem passava diante dela, interrompendo, por breves segundos, a luz.

Ao longe ouviu-se o ladrar de um cão vadio e para outras bandas o miar de uma gata com cio, cujo miado quase parecia um grito humano, clamando por um tal Raul.

Envolto nas sombras, um vulto espiava a janela iluminada, atento como um animal à espreita da presa. Conseguira iludir a vigilância da guarda que prestava serviço ao palácio e estava lá muito perto. Os seus olhos claros luziam como os de um felino, observando atentamente todos os movimentos no gabinete do primeiro-ministro.

Uma leve aragem corria naquela noite de Junho, balançando as folhas das árvores.

Entretanto, dentro do palácio estava a dar-se uma conversa muito interessante...

— Espero sinceramente contar com a vossa ajuda e apoio, senhor ministro. Exponho o meu nome, a minha honra, para vos ajudar na captura de tão feroz criminoso e confio poder auferir uma compensação por isso. Nada é mais justo, haveis de concordar! — observou D. Manuel de Vilar,

atirando com uma madeixa de cabelo comprido e encaracolado para trás, num gesto afectado.

Vasconcelos mostrou um sorriso de desprezo, que nem se preocupou em disfarçar.

— Não me venhais com histórias, D. Manuel! Sabeis tão bem como eu que o que vos trouxe aqui não foi o vosso desejo de ajudar as autoridades, e sim o receio que tendes desse maldito mascarado. Tendes medo de morrer nesse duelo...

O outro engoliu em seco, corando violentamente. Quando se preparava para negar tão afrontosa suspeita, fechou a boca com força, sufocando a ira e o orgulho. Não desejava por nada deste mundo entrar em conflito com tal criatura. A sua falta de escrúpulos era bem conhecida e, embora soubesse que precisava dele para capturar o bandido que tanto odiava, tinha a certeza que o desprezava pelo simples facto de ser um nobre, apesar de compartilharem as mesmas simpatias e convicções políticas.

— Se pensais isso de mim, senhor ministro, lamento ter-vos feito perder o vosso tão precioso tempo — respondeu, empertigando-se com altivez, como se estivesse muito ofendido na sua dignidade.

Miguel de Vasconcelos sentou-se à secretária e os olhos brilhavam-lhe de astúcia.

— Não pretendi ofender-vos, D. Manuel de Vilar, e se não vos importardes, gostaria que terminásseis o que estáveis a dizer.

O gentil-homem sorriu com petulância.

— Pois bem, em troca deste serviço que presto, orgulhosamente, à coroa, gostaria que me fosse oferecida uma comenda militar. Estou certo que não vos será muito difícil, poderoso como sois...

Aquele ponto era um dos que mais ofendiam a nobreza. Habituada a ter em muito boa conta essas distinções, não se conformavam que os hábitos rendosos e as comendas das ordens militares, que outrora serviam unicamente para premiar serviços, actualmente fossem vendidos a quem mais dava.

— Mas também sabeis que os duelos são proibidos e que eu posso mandar-vos prender, não é verdade?

D. Manuel desta vez empalideceu. Interrogou-se se teria feito bem em procurar o ministro. Aquele homem era imprevisível.

— Penso que o senhor ministro não fará isso, pois posso ser-vos muito útil daqui por diante. Posso entregar-vos o senhor D. Pedro de Castro, de bandeja, isto se estiverdes interessado...

Os olhos do ministro brilharam intensamente. Poisou os cotovelos

sobre a secretária e encostou as pontas dos dedos umas contra as outras, afastando-os e voltando a juntá-los, sucessivas vezes. Parecia estar a meditar em tudo o que ouvia. Levantou os olhos para o interlocutor e um sorriso desdenhoso desenhou-se-lhe nos lábios finos.

— Temos acordo. Vamos pensar na melhor armadilha para pregar-mos ao mascarado. E depois pensaremos no senhor D. Pedro de Castro e seus amigos. Tudo a seu tempo. Os planos têm de ser bem architectados, para que ninguém desconfie que houve a minha mão ou a vossa no que acontecer...

E durante algum tempo ficaram a combinar o melhor plano para caçar tão formidáveis e potenciais presas. Depois, despediram-se e o visitante abandonou o gabinete e saiu para a rua.

O ministro levantou-se e agarrou num licoreiro que estava ali à mão. Verteu uma generosa porção de líquido cor de rubi num cálice de cristal e bebeu-o em dois tragos, passando a língua pelos lábios, deliciado. Voltou a encher o cálice, perdido nos seus tenebrosos pensamentos.

As ideias de Diogo Soares são sempre engenhosamente brilhantes e eu tenho de pensar bem como é que hei-de fazer a coisa... Esta ocasião é propícia para me ver livre de um destes nobres detestáveis. Os duelos são expressamente proibidos pelo rei e talvez consiga fazer apodrecer na cadeia, durante muito tempo, este altivo D. Pedro de Castro. Nem que para isso tenha de juntar mais umas queixas... de minha autoria... E quem sabe se, depois, não poderia empregar umas testemunhas falsas para caluniarem e arruinarem os outros seus amiguinhos, condenando-os de qualquer maneira. Poderia atirá-los para o Tribunal do Santo Ofício... Não... não. Muitos dos casos que caem sob a alçada da Inquisição não chegam a vias de facto, se os condenados se retractarem, comprometendo-se a não reincidir. Espertos como esses cavaleiros são, conseguiriam desvencilhar-se com a maior das facilidades, principalmente esse Diogo de Vasconcelos, uma autêntica raposa... A acusação de alta traição é que viria a calhar... E quem sabe se não o poderia fazer, com o auxílio deste cobarde D. Manuel. Talvez seja mais sensato não me ver livre também deste fanfarrão, como havia pensado. Pode vir ainda a tornar-se muito útil... Além disso, o seu pai é um inimigo de temer. Revolveria céu e terra para se vingar de mim.

Compreende-se agora o desprezo e o nojo que todos sentiam por este ministro, devido ao seu carácter odioso, vil e traiçoeiro, que não tinha escrúpulos de espécie alguma em trair aquele que há minutos conspirava consigo.

Diogo Soares, como sempre, tem razão nos conselhos que me deu e eu vou segui-los à letra. Quanto a este fidalgo petulante, tenho planos para ele... Tenho a certeza que aceitará as minhas ordens como um cordeirinho...

E enquanto a diabólica mente de Vasconcelos concebia planos para se vingar em quem tanto odiava, D. Manuel de Vilar caminhava, perdido nos seus agradáveis pensamentos. Até os olhos se riam ao imaginar o capitão Gualdim preso e enforcado, para não falar no que tanto ambicionava: um hábito, um rendoso hábito de uma das ordens militares, não importava qual fosse... E se conseguisse ver também D. Pedro de Castro fora do seu caminho... Tinha a certeza que a bela Laura lhe cairia imediatamente nos braços, sucumbindo à sua ardente paixão.

Passou pela guarda e procurou com os olhos o coche particular. Lá estava ele no lugar onde o deixara, abrigado e escondido sob uma árvore frondosa. O cocheiro dormitava, sentado, e de uma vez a cabeça quase lhe chegara aos joelhos, mas continuou ferrado a dormir.

D. Manuel atirou com a capa para trás das costas e dirigiu-se para lá.

— Para casa, Baltazar, e sem demora!

Meteu-se dentro do veículo e sentou-se, esfregando as mãos, satisfeito. Recostou-se no banco e correu as cortinas púrpuras bordadas com o brasão da família. Não estava nada interessado em que o vissem nas redondezas do Palácio da Ribeira. Não queria que houvesse suspeitas para que o plano tão engenhosamente urdido com o ministro fosse bem-sucedido.

Os cavalos começaram a andar a passo e depois a galope, afastando-se. Os cascos dos animais ressoavam na pedra da calçada, ecoando no silêncio da noite primaveril. Passaram a terra batida e um pó amarelado soltava-se do chão, pairando no ar durante algum tempo. Atrás dessa poeira seguia um cavalo negro como a noite, a trote. Ninguém do coche se apercebeu devido ao barulho dos cascos dos cavalos e das rodas do veículo.

De dentro do coche, o cavaleiro começava a estranhar a demora em chegar a casa. Sentia vontade de se estirar no colchão de penas e sonhar com o momento em que teria a mais cobiçada mulher do reino nos seus braços.

Afastou a cortina da janela e espreitou para a rua, mas como continuava escuro, nada viu. Encolheu os ombros. O caminho parecia-lhe mais longo certamente por se encontrar ansioso por regressar a casa. Quando se voltava a recostar, a Lua saiu de trás de uma nuvem negra, permitindo ver,

por alguns segundos, um pouco da paisagem. Seguiam por uma estrada com pinhal de ambos os lados, num terreno deserto de pessoas, casas e animais. Deviam estar muito afastados da cidade.

D. Manuel empertigou-se, preocupado. Bateu na parede dianteira do coche. Sem obter nenhum sinal de vida, pôs a cabeça do lado de fora.

— Baltazar! Pare imediatamente!

O coche parou e os cavalos relincharam, satisfeitos com a pausa no passeio.

Ouviu-se o som de outros cascos e D. Manuel olhou para trás, espantando-se ao ver, embora com dificuldade, um cavalo a curta distância. Em-palideceu, temendo uma emboscada.

— Vamos embora! Depressa!

Mas o coche não se moveu e o cavaleiro bateu violentamente com o punho da espada na parede do veículo. Como não era obedecido, saltou para o chão, tremendo de raiva. Virou-se para trás, tentando perceber quem o seguia e maldizendo intimamente o cocheiro que não lhe obedecera. Na sua mente já urdira os mais cruéis castigos para lhe aplicar.

— Mostre-se, senhor cavaleiro, se é de boa paz!

O cocheiro saltou para o chão. Acercou-se do outro homem, silencioso como um rato.

Nisto, D. Manuel quase ficou sem pinga de sangue. Alguém lhe encostara uma lâmina nas costas, gelando-o de horror. Voltou-se lentamente e o que viu fê-lo saltar de surpresa.

— Capitão Gualdim!

O mascarado soltou uma gargalhada desdenhosa e fez-lhe uma vénia exagerada.

— Em carne e osso e às vossas ordens, senhor cavaleiro! Aqui, *Trovão!*

O cavalo aproximou-se do dono, relinchando. O outro homem só então percebeu que fora perseguido por um cavalo sem cavaleiro. Olhou, aturdido, para o coche.

— Mas... Mas... Onde está o Baltazar?!

— O pobre Baltazar ainda deve estar a dormir, coitado... Infelizmente, vi-me obrigado a pô-lo a dormir, para lhe ficar com o lugar. Não vos aflijais que a cabeça dele voltará ao que era antes. Lamento muito tal inconveniente, senhor D. Manuel, mas tenho destas coisas! Que hei-de fazer?! Por vezes, apetece-me fazer determinadas acções, sem mesmo entender porquê — disse, com um sorrisinho. De repente, ficou sério e encostou-lhe a lâmina ao pescoço, e a Lua, encoberta naquele momento, deixou ver os

seus olhos brilhantes de fúria. — Miserável traidor! Que estivestes a conspirar com o ministro?

D. Manuel afastou a espada, com ares petulantes.

— Que ideia! Que vos leva a pensar que estive com o ministro? Nada tenho a tratar com tal personagem.

— Ah, sim?! Então dissei-me: fostes encontrar-vos com a duquesa?

— Quem sou eu para desvendar os segredos de tão puritana senhora... Mas, dissei-me: que desejais de mim? Bem sabeis que amanhã é o nosso duelo e eu quero descansar bastante, para me sentir bem preparado — disse, encolhendo os ombros tentando sorrir.

O mascarado soltou uma gargalhada trocista.

— O senhor cavaleiro continua com as mesmas pretensões. Achais mesmo que me daríeis algum trabalho? Pois informo-vos desde já, detestável criatura, que vos desafio, aqui e agora, para o duelo que deveria ser travado amanhã!

O gentil-homem estremeceu, ficando branco como a cal.

— Não! Não! O duelo foi marcado para amanhã e é amanhã que se realizará!

— Permitti-me que discorde, desprezível cavaleiro. É agora que se vai realizar, porque tenho as mais sérias suspeitas de que vossa mercê foi comunicar ao nosso querido e estimado ministro o que iria acontecer amanhã. Por isso, acho melhor que se realize já...

— Não! Não! O que dizeis não faz sentido! Como é que eu poderia contar isso ao ministro, sabendo que os duelos são proibidos?! Também eu seria castigado, se fosse apanhado... Além disso, não temos padrinhos para testemunhar o duelo.

— Não me espanta nada que tenhais feito qualquer acordo com Vasconcelos. Merecem-se um ao outro, de podres que são! Quanto a padrinhos, não vos preocupeis. Isso é o menos. Aconselho-vos a empunhar a vossa espada, se não quiserdes que vos trespasse imediatamente. Nada me daria mais prazer!

D. Manuel mordeu o lábio inferior, furioso. Não sabia o que fazer. Estava convencido que o mascarado faria o que prometera, se lhe desse na cabeça.

Gualdim atirou a capa para o chão e colocou a mão na anca. Pôs-se em guarda.

O outro homem acabou por imitá-lo, relutante. Lançou o chapéu para o chão.

Inclinaram-se ambos. D. Manuel lançou-se ao ataque, tentando ferir

o célebre espadachim, utilizando todos os botes que lhe haviam ensinado, e, assim, descurando a defesa. Por duas vezes esteve em risco de ser atingido seriamente no peito. O adversário respondia a todos os seus ataques, fechando-se na defesa, e todas as estocadas travava, com rapidez e firmeza, não havendo nem uma única vez em que deixasse o corpo a descoberto. De superioridade inegável, era realmente um mestre nesta ciência; conhecia todos os truques e sabia responder a todos eles, assustando cada vez mais o petulante cavaleiro.

As espadas cruzavam-se, furiosamente, e, de vez em quando, soltavam-se chispas azuladas. Era estranho, no silêncio da noite, aquele ruído do ranger de lâminas.

Gualdim já o fizera praticar todas as bases, aparando todas as estocadas, parecendo adivinhá-las mesmo antes de serem executadas. Como um sábio mestre, conhecia um bote para cada estocada. A pouco e pouco, fatigava-o, e já o podia ter ferido, se o desejasse.

De repente, lançou-se ao ataque, irresistível, e aproveitando o momento em que o adversário se descobriu, desferiu-lhe uma tal estocada no peito que ele imediatamente caiu redondo no chão.

O justiceiro poisou a ponta da espada no chão e a mão esquerda na anca, abanando a cabeça, como se estivesse consternado com o sucedido. Limpou a lâmina, calmamente, à capa escarlate do inimigo e embainhou-a. Envervou a sua capa e acercou-se do derrotado.

— Que grande cobarde e traidor!

D. Manuel estava branco como um lençol e olhava para o outro cavaleiro com os olhos esbugalhados de pavor, receando ser morto sem dó nem piedade.

— Misericórdia, senhor! Misericórdia!

O mascarado fitou-o com desprezo.

— Nada receeis, pois eu não sou cobarde como vossa senhoria. Se tivésseis agido nobremente comigo e não tentásseis armar-me uma cilada, podeis ter a certeza que o único ferimento que sofreríeis não iria além dum braço e o orgulho ferido, e isto apenas para que vos recordásseis de mim... Se há coisa que deteste mais que um traidor, só um traidor cobarde! Não vos preocupeis, miserável; mandarei auxílio.

D. Manuel sentou-se com dificuldade, observando-o a saltar para o cavalo e largar à desfilada. Os seus olhos brilharam de ódio, apesar da dor que sentia. Deixou-se cair, exausto.

Entretanto, o intrépido capitão Gualdim continuava a galope, com um risinho trocista nos lábios. Quando se estava a aproximar do Palácio da

Ribeira, obrigou o cavalo a abrandar o passo e saltou para o chão, escondendo o animal na sombra de uma árvore. Do bolso das calças negras, retirou um papel muito bem dobrado, previamente escrito, e, com um fino cordel, amarrou-o a uma pedra achatada que encontrou ali perto. Mesmo por cima de si ouviu o grito de uma ave nocturna que quase o fez dar um salto. Sorriu do susto que apanhara.

Cosendo-se com as sombras, acercou-se do edifício completamente às escuras. A Lua de quando em vez fazia a sua aparição e, numa dessas ocasiões, o capitão Gualdim fez pontaria a uma janela aberta e atirou a pedra.

Passados uns segundos viu tremeluzir uma luz ténue e, contente com o bom termo da empresa, afastou-se, com ar satisfeito.

Desapareceu tão silenciosamente como aparecera e só se ouviu o barulho dos cascos da sua montada, afastando-se rapidamente.

No palácio, mais propriamente nos aposentos do ministro, este pegou numa vela, irritado com o barulho que a pedra fizera ao bater num espelho, estilhaçando-o em mil pedaços.

Apontou a luz da vela para o chão, reparando no que fora o causador de tão grande ruído. Reparou no papel amarrado com firmeza. Abeirou-se da janela e espreitou para a rua. Pareceu-lhe ver ao longe o vulto de um cavaleiro e sua montada e estremeceu de raiva, desconfiando da sua identidade. Desdobrou a missiva e leu-a entre dentes. Ficou rubro de ódio.

“Caríssimo ministro:

Espero não vos perturbar o sono, mas é que me vi na necessidade de vos prestar um servicinho. É meu dever avisar-vos de que o vosso comparsa, traiçoeiro e desprezível como Vossa Excelência, encontra-se lamentavelmente ferido, à saída da cidade, mais propriamente nos terrenos pertencentes ao tio do conde de Ávila...

Penaliza-me muito estragar os vossos tão bem urdidos e odiosos planos para me prender, mas que posso eu fazer?! Francamente, às vezes não me consigo controlar. Sou assim e não tenho emenda! Tereis de me desculpar por isso.

Aconselho-vos a enviar socorros ao senhor D. Manuel de Vilar o mais depressa possível, senão talvez só possais vir a encontrá-lo no Inferno.

Desejando que tenhais uma muito má noite, repleta de pesadelos

e suores frios, despeço-me, com votos de uma morte súbita, horrível e pavorosa para Sua Senhoria, que qualquer dia terei o prazer de vos facultar.

O vosso maior inimigo...

Capitão Gualdim”

CAPÍTULO IX

*Saltando pela janela
No mosteiro se refugiou
E logo a guarda espanhola
Para Madrid o levou.*

— **O**ra, esta! Será que nenhum dos duelistas vai aparecer?! — disse D. Pedro de Castro, agastado por estar à espera há algum tempo.

Ele e os seus inseparáveis amigos encontravam-se no terreno escolhido para o duelo entre o capitão Gualdim e D. Manuel de Vilar. Haviam chegado pontualmente às quatro horas e encontraram o sítio deserto. Espantavam-se com a demora dos dois homens.

Afonso de Menezes pôs o punho na anca, divertido.

— Será que se arreponderam os dois?!

— Porque julgas isso?

— Que outro motivo poderá haver?!

Eles encolheram os ombros. Depois, entreolharam-se, apreensivos.

— Será que o capitão Gualdim foi apanhado?!

Enquanto pensavam nisto, um garoto chegou até eles a correr, sobresaltando-os. Olharam-no interrogativamente.

— Que queres, rapaz?

Os olhos do rapazito brilharam de orgulho.

— Trago uma carta do capitão Gualdim, senhor.

— Foi ele quem ta entregou?

— Não, senhor. Foi outra pessoa.

Pedro de Castro franziu a boca num esgar de desilusão e contrarieda-

de. Chegara a pensar que iria ver resolvida a suspeita que nutria pelos amigos. Se tivesse sido o próprio capitão Gualdim a entregar a carta, nunca poderia ser nenhum deles, visto ainda não se terem separado. Mas como assim não fora, permaneciam as dúvidas e as desconfianças...

— Obrigado, rapaz — agradeceu Afonso, estendendo-lhe uma moeda que ele recusou.

— Agradecido, senhor, mas não é preciso. Basta-me saber que ajudei o valente capitão Gualdim!

E desapareceu a toda a brida, orgulhoso.

Pedro, Afonso e Diogo fitaram-se, espantados.

— Lê-nos o que o mascarado escreveu, Pedro, despacha-te!

Ele desdobrou a carta calmamente e arregalou os olhos de espanto.

“Nobres cavaleiros:

Ainda não foi desta que nos encontramos pessoalmente, mas decerto ficará para uma próxima vez.

Humildemente vos peço perdão por não terdes sido avisados com a devida antecedência, mas foi-me de todo impossível. Jamais poderia aspirar a padrinhos mais valorosos e nobres.

Aconselho-vos a abandonardes esse local o mais depressa possível, não vá o nosso adorado e bem querido ministro lembrar-se de mandar aí uma escolta de soldados para vos prender como os meus possíveis padrinhos do duelo com D. Manuel.

Esse duelo já não se realizará. Suspeitei do meu rival e segui-o ontem até ao Palácio da Ribeira, onde conferenciei longamente com Miguel de Vasconcelos. Esperei-o à saída e levei-o para bem longe da vista dos guardas, servindo-o como cocheiro. E bati-me com ele.

Como deveis calcular, não ficou de muito boa saúde... Mil desculpas ao cavaleiro D. Pedro de Castro por vos roubar o prazer de o ferirdes vós gravemente, mas foi-me de todo impossível evitá-lo. Decerto compreendereis. Talvez se recomponha depressa, quem sabe?

Um vosso criado.

Capitão Gualdim”

Os três cavaleiros entreolharam-se, perplexos. Depois desataram a rir às gargalhadas. Dirigiram-se para os cavalos e montaram-nos, seguindo o conselho do irreverente mascarado.

— Este capitão Gualdim é uma autêntica raposa! — observou Diogo, com admiração.

— Imagino a cara de raiva e ódio do ministro quando soube do sucedido...

— Tenho pena de não ter presenciado o duelo — declarou Afonso, com um risinho.

Os amigos fitaram-no, desconfiados.

— O teu encontro amoroso correu bem?

Ele riu-se ainda mais, todo inchado de orgulho.

— Se correu! Aquela dama está perdida de amores aqui pelo vosso amigo.

Sorriram perante o entusiasmo dele.

— Que me dizem a irmos fazer uma visita cortês ao pobre enfermo? Não vá ele morrer sem se ter despedido de nós... — alvitrou Pedro, num tom malicioso.

— Que ideia! O doente teria um ataque de raiva e esta poderia sufocá-lo, matando-o. Depois, não conseguirias viver com os remorsos — replicou Diogo, trocista.

Chegaram a uma das ruas mais movimentadas de Lisboa. Havia um alarido desusado e a cólera transparecia nos rostos dos populares. Gritavam e agitavam os braços, furiosos.

Os gentis-homens acercaram-se, curiosos, temendo outra revolta igual à de Évora.

D. Pedro de Castro debruçou-se sobre o cavalo e interrogou um homem que se encontrava à porta de uma taberna escura, a cheirar a borras de vinho e chouriço assado nas brasas. Parecia tão indignado quanto os restantes.

— O que é que se passa? O que aconteceu?

— Foi o bispo! Levaram-no preso p'ra Madrid!

— Mantiveram-no preso num quarto sem comer nem beber!

— E tudo por se revoltar contra o governo espanhol! Maldito seja este! Herege!

— O valente homem fugiu pela janela e asilou-se no mosteiro, mas os infames lá o foram buscar!

— Fazerem uma violência destas com o representante do Papa! Um raio lhes caia na cabeça e os destrua a todos, malditos espanhóis!

Os três amigos entreolharam-se, perplexos. Nunca lhes ocorrera que Olivares chegasse ao extremo de mandar prender o nuncio, só por ele não ceder às suas exigências.

A contenda entre o governo espanhol e o clero português já durava há alguns anos, provocada pela política de exorbitantes impostos que o primeiro praticava e a que os religiosos sempre haviam sido contra. Era do conhecimento geral que os padres incitavam o povo a não pagar o real d'água, um imposto injusto, pois obrigava a que todos que comprassem um arrátel de carne pagassem de imposto um real, e isto também na aquisição de dois litros de vinho. Fora este imposto uma das maiores causas para as famosas alterações de Évora.

Como sempre, o governo dos Filipes continuava sequioso de dinheiro e indiferente às lágrimas e à fome dos portugueses. Quando tentara, sem o conseguir, impor ao reino o subsídio anual de quinhentos mil cruzados, recorreu a um último estratagem. A todos os que detinham títulos de dívida pública, como era o caso de conventos, mosteiros, misericórdias, hospitais, representantes das igrejas, das ordens militares..., era-lhes imposto um empréstimo forçado. Não contente com isso, Olivares ordenava ao tesoureiro da alfândega de Lisboa que retivesse o primeiro quartel de juros que devia ser pago pela repartição aos religiosos. Como era natural, houve protestos gerais, tanto das vítimas dessa extorsão fiscal, como do povo, habituado a ver os estabelecimentos pios protegidos por todos os governos que se considerassem cristãos. Mas o tempo foi passando sem que a chama do descontentamento se tivesse extinguido. Eis que é nomeado nuncio em Lisboa o bispo de Nicastro, Alexandre Riario Castracani, que devido à sua forte personalidade não se absteve de criticar, furiosamente, numa pastoral de 16 de Maio de 1636, as leis de desamortização promulgadas pela coroa. Olivares, irritado com o descaramento do nuncio, tentou proceder contra ele, mas com o tempo e negociações o caso foi esfriando, até que a bula do Papa Urbano VIII, de 5 de Julho de 1638, a veio reacender, pois nesse documento pontifício reproduziam-se as penas de excomunhão lançadas pela pastoral do bispo. Indo contra a desaprovação do governo, Castracani executou-a e promulgou, a 25 de Junho de 1639, um édito de cessação *a divinis*, que consistia, nada mais nada menos, na proibição da celebração e administração de quaisquer sacramentos, como prova de força contra tal governo herético. O conde-duque fez de tudo para que o nuncio retirasse o édito, coagindo-o por todos os processos e acabando por fechá-lo num quarto, sem comer nem beber. Mas o corajoso bispo fugiu pela janela e refugiou-se no Mosteiro de S. Francisco, onde o fora buscar uma escolta

de soldados que o levou preso para Madrid, provocando assim a cólera e a justa indignação do povo, sinceramente religioso.

Todos os padres, seculares ou monásticos, seguiram à letra o corajoso édito do bispo e recusaram-se a celebrar missas, baptizados e casamentos, servindo-se do incidente para pôr ainda mais o povo contra o governo.

Uma velhota fitou os cavaleiros com os seus olhos da cor do céu.

— Um dia, chegará o nosso rei e vingará todas as dores e vexames que os espanhóis nos têm feito passar...

— Ao extremo que o conde-duque chegou... Prender o representante do vigário de Cristo num mosteiro! Não têm fim as suas loucuras?

O povo ia acalmando, não por ter esquecido a cólera e a revolta que sentia dentro do peito, mas por medo das terríveis consequências que recairiam sobre ele. Embora a boca estivesse fechada, os olhos falavam mil palavras e expressavam mil sentimentos.

— Vamos a casa de Laura. Sempre quero ver se eles já sabem o que aconteceu...

Enfiaram por uma rua estreita. Do lado oposto, surgiu uma carroça de bois carregada de pedras, impedindo-os de andarem lado a lado.

Um homenzinho, bamboleante como um pato e vaidoso como um peru, passou ao lado da carroça, pisando uma generosa e malcheirosa bosta, que o deixou enojadíssimo. Levou um lenço amarelo ao nariz, repugnado. Disse mil e um palavrões ao condutor do veículo, como se o pobre tivesse culpa do resultado das necessidades fisiológicas dos seus animais. Este encolheu os ombros, desinteressado, e seguiu caminho.

Os cavaleiros riram às gargalhadas, divertidos. Esperavam debaixo duma varanda rachada, em fila indiana, que a carroça passasse por eles.

O ultrajado transeunte olhou-os, descontente, com um trejeito de enfado na boca de lábios grossos.

— Ora esta! Ora esta! Mas que gracinha!, sim, senhor! Os senhores não têm mais nada de que se rir?!

Um cão vadio e muito escanzelado apareceu junto dele e olhou-o espantado, com a língua de fora, provocando-lhe ainda mais a ira e o descontentamento. O animal, depois de se ter coçado com fúria, desatou a ladrar-lhe, desalmadamente.

O homem atirou-lhe um pontapé que lhe passou resvés ao focinho. O cão fungou e virou-lhe costas, desagradado com o cheiro de porcaria no sapato daquele humano que, além de ser pateta, era com certeza um

grandessíssimo porcalhão... Este virou-se e raspou as solas dos sapatos na soleira de uma porta, deixando lá parte dos excrementos, para grande indignação da dona da casa que assomou à janela do primeiro andar, tencionando estender roupa para aproveitar o sol. Chamou-lhe os mais tenebrosos nomes, capazes de fazer corar o mais descarado. Depois, esgotados todos os palavrões que conhecia, e que não eram poucos, desatou a lançar-lhe pragas, em que a mais leve era que ele tivesse uma “morte apressada”.

Ele estremeia a cada praga, benzendo-se e fazendo-se branco como um morto, receoso que alguma delas se concretizasse. Quando ia dar às de vila-diogo, a mulher foi mais rápida e despejou-lhe o conteúdo de um penico na cabeça, deixando-o estupefacto e malcheiroso.

A mulher pôs as mãos nas ancas, satisfeita e provocadora, e quando viu três atraentes cavaleiros rindo às gargalhadas pelo que ela fizera, ainda inchou mais de orgulho.

Afonso quase caíra do cavalo devido a uma gargalhada mais violenta. Pedro tinha lágrimas nos olhos e Diogo contorcia-se com dores nos músculos abdominais. Nunca se rira com tanto gosto.

O fulano não cabia em si de espanto e indignação. Ora ameaçava com os punhos fechados a dona da casa, ora injuriava os cavaleiros que tão malcriadamente se riam do seu infortúnio. Afastou-se apressadamente, não fosse a feroz mulher presenteá-lo com algo ainda mais malcheiroso... Foi sempre a resmungar, enraivecido.

Algum tempo depois, contavam o sucedido a D. Fernando de Lencastre e à formosa jovem, e estes também se riram, divertidos, lamentando não ter assistido à curiosa cena.

O fidalgo ficou sério de repente, lembrando o que os jovens haviam dito anteriormente.

— Olivares comete imprudências atrás de imprudências... Será que não teme uma revolta por parte do povo, com este último vexame feito ao bispo e que, vendo bem, também é dirigido à Igreja?

— Pelos vistos, parece que não...

— Ou, quem sabe?, talvez seja esse mesmo o seu objectivo. Levar-nos à loucura... para então poder espezinhar-nos a seus pés e derrotar-nos com as armas.

Os quatro homens fitaram a donzela, concordando com o seu fio de pensamento, como sempre correcto.

— Onde já se viu prender num mosteiro o representante do Papa, como um rude assassino?

— Que fará o Papa quando souber deste ultraje? — interrogou Afonso, curioso.

— Nada, certamente. Não se quer habilitar ao mesmo que sucedeu a Clemente VII, feito pelo bisavô deste Filipe... Com certeza vai limitar-se a elogiar o nuncio, quando devia excomungar o rei de Espanha — opinou D. Fernando, desgostoso.

— Olivares é um louco! Conheceis maior loucura do que a nomeação do duque de Bragança para general de mar e terra de Portugal? Como é que ele dá o governo das armas ao descendente dos reis portugueses? O menor que se pode dizer é que é simples imprudência, pô-lo assim em contacto com os principais fidalgos do reino e com as tropas. Quem lhe diz que o duque não tentará angariar vontades nas tropas? — observou Diogo. — Olivares brinca com o fogo...

— Ele sabe que o príncipe é irresoluto e prudente em demasia e que nada mais quer do que o sossego da sua tapada. Por isso é que o conde-duque não se preocupou minimamente.

— Não concordo contigo, Afonso. Acho que o duque não é nada disso que todos pensam. Só espera a melhor ocasião para deixar cair a máscara da indiferença. A sua inteligência e perspicácia demonstram-no bem quando recusou o vice-reinado da Lombardia, que é dos mais importantes, devido à guerra que Espanha mantém com França e Saboya — declarou Pedro.

Naquele ponto todos concordaram. Era bem conhecida a vontade que o governo espanhol tinha de afastar o duque de Bragança de Portugal, receando o prestígio do seu nome e para quem se voltavam, esperançosos, os olhos dos portugueses. Não arranjaram melhor processo do que tentando-o com a ambição de um cargo elevado. Convicto de que, dessa maneira, ele sairia do seu refúgio, nos paços de Vila Viçosa, em que se exilara de sua livre vontade, alheio aos fidalgos aduladores de que sempre procurara distanciar-se, e aceitaria a nomeação, sendo, conseqüentemente, obrigado a prestar actos de vassalagem a Filipe IV. Com o intuito de o colher de surpresa, Olivares fez com o maior segredo a nomeação, mas o duque, mais esperto que o ministro, percebeu a sua jogada e recusou tão alto cargo com insistência.

Imagine-se a frustração que o conde-duque deve ter sentido quando viu o seu maravilhoso plano gorado.

Algum tempo mais tarde, Olivares decidiu separar o governo militar do civil, tanto na Lombardia, como em Portugal. Imprudentemente, como era opinião geral em Espanha, nomeou o duque de Bragança para o go-

verno das armas, ficando a administração civil ao cuidado da duquesa de Mântua.

Por essa altura temiam-se os ataques às costas peninsulares das forças do enérgico cardeal de Richelieu. As suas esquadras inquietavam a cada momento os portos portugueses e, por isso, foi ordenado ao duque de Bragança que tomasse as deliberações necessárias para melhorar e fortificar os portos, guarnecendo bem as fortalezas. Ele assim fez, não descurando ponto algum; exercitaram-se as tropas, recrutaram-se sete mil e quinhentos homens, alistaram-se os estrangeiros residentes em Lisboa e de Madrid vieram trinta capitães e sargentos-mores. Conseguiu aprontar quatro galés. Mas a frota do arcebispo de Bordéus, de quem tanto se temia, não se aproximou de Portugal e o primeiro-ministro de Espanha logo aproveitou a oportunidade para enriquecer com os nossos oficiais, soldados e marinheiros o exército da Catalunha e as naus de D. António Oquendo, que estava na Corunha.

O duque de Bragança, nas suas excursões militares através do reino, era acompanhado por um mestre de campo general e três mestres de campo, que pertenciam à junta de defesa, e mais um secretário.

— Foi realmente uma temeridade da parte de Olivares nomear o duque para o cargo. Ele é dissimulado e ninguém sabe o que pensa, verdadeiramente. Tanto pode ser irresoluto como D. Afonso diz, como é tão matreiro que leva todos a pensar isso...

Os cavaleiros entreolharam-se.

— Na minha opinião, o tio tem razão. O duque de Bragança é muito astucioso...

Diogo sentou-se numa poltrona, compondo a espada que o estava a incomodar.

— Se estivesse no lugar do duque, precavia-me bem. Entrar em tantas fortalezas guarnecidas por espanhóis... Nada me garantia que não o tentassem prender lá. Seria a única maneira de o afastar do reino, definitivamente...

— Ele deve saber isso, meu amigo, pois faz-se sempre acompanhar por homens fiéis e da maior confiança. Havendo ou não plano da parte de Olivares para o aprisionar, por enquanto ainda não se concretizou.

— Segundo soube através de uma fonte chegada e dedicada ao duque, espera-se que venha a Lisboa encontrar-se com a duquesa de Mântua e com os vogais da junta de defesa, depois de terminar as inspecções. Convém fazermos uma manifestação digna dele.

Naquele momento o irrepreensível mordomo entrou, com uma bandeja de prata onde se via uma carta com um bonito lacre vermelho.

— Um mensageiro trouxe agora mesmo para a menina Laura.
E desapareceu, fechando as portas atrás de si.

Os olhos da jovem brilharam de entusiasmo. Sorriu para os quatro homens e rasgou o lacre. Deu uma vista de olhos pelo papel e depois fitou-os, cheia de alegria.

— É uma carta da minha prima Cristina! Vem cá passar uns dias conosco. Diz ela que já não aguenta a pasmaceira de Évora e que não suporta olhar mais para as caras dos cavaleiros que a cortejam. Quer mudar de ares e conhecer novas pessoas.

Afonso de Menezes esfregou as mãos atrás das costas, entusiasmado com a notícia de ir conhecer uma cara nova. Já a imaginava nos seus braços, tremendo e desfalecendo de amor.

Os amigos acotovelaram-se, observando, trocistas, a sua expressão de prazer. Sabiam muito bem o que passava pela cabeça do mulhengo Afonso, pensamento por pensamento.

Laura sorriu, divertida, percebendo também. Riu-se intimamente. Se Afonso se tomasse de amores por Cristina, iria passar uns maus bocados... Além de ser uma adorável cabecinha de vento, a prima era uma namorada incorrigível. Adorava enlear nas suas teias amorosas as pobres almas que se aproximavam, ficando logo presas dos seus encantos, até ela se fartar.

— Já não vejo a tua prima há anos, Laura... Só me lembro de uma garota traquina e verdadeiramente arreliadora que gostava de subir às árvores — comentou D. Fernando, pensativo. Sorriu ao recordar-se.

— Sim, tio. A última vez que a vi foi há dois anos e estava a passar uns dias em casa dela quando se deram as alterações de Évora. Que terrível barafunda foi, meu Deus! — exclamou a jovem, estremecendo. Voltou a poisar os seus belos olhos azuis na carta e de lá voltou-os para os cavaleiros, demorando-se um pouco nos de D. Pedro de Castro, que a fitava, apaixonado.

Afonso cofiou o bigode, satisfeito.

— E para quando espera a vinda dessa sua prima?

— Cristina diz que espera estar cá amanhã. Esperemos que a viagem corra bem e chegue sã e salva. E que tenha tido a sensatez de viajar acompanhada. Infelizmente, as estradas estão cada vez mais infestadas de bandidos que assaltam as carruagens, o que ela decerto acharia imensa graça, tenho a certeza... — observou Laura, com um sorriso condescendente.

D. Fernando concordou plenamente e os três cavaleiros entreolha-

ram-se, divertidos já com a perspectiva da visita daquela jovem cheia de vivacidade e, decididamente, temerária.

— É uma pena que o nosso querido e bem amado D. Manuel de Vilar não esteja de perfeita saúde para receber com todas as honras a nossa visitante de Évora. Tenho a certeza que iria adorar conhecê-la — observou D. Pedro de Castro, trocista.

Os outros entreolharam-se, sorrindo.

Laura abanou a cabeça, desaprovadora.

— Senhores, por vezes sois muito mauzinhos... Coitado de D. Manuel! Deve estar a enfadar-se de morte sem poder sair de casa.

Como as palavras da jovem iam longe da verdade...

Ao anoitecer, D. Manuel estava tudo menos enfadado. Recebera uma estranha visita nada desejada e agradável... Fora tal o espanto e o terror que o deixara sem fala. Quando a língua finalmente se soltou, já a misteriosa visita se escapara e ria, trocista, a caminho de casa.

D. Manuel cambaleou de raiva e emoção e sentou-se, exausto. Que descaramento a do mascarado ir visitá-lo na sua própria casa! Que insolência! Que desfaçatez!

Todo ele tremia de indignação. Para completar ainda mais a sua humilhação e vergonha, entregara-lhe uma mensagem em mãos, com o sorriso mais insolente e petulante que imaginar se possa. Por fim, retirara-se com todas as vénias e salamaleques que utilizava quando tratava com alguém que desprezava.

Com as mãos trémulas, desdobrou a carta e os olhos injectaram-se-lhe de sangue, parecendo querer saltar fora das órbitas.

“Caríssimo e desprezível cobarde:

Espero que estejais a convalescer pessimamente.

Quero recordar-vos que tendes outro duelo marcado e não vos lembreis de faltar. Seria a vossa maior desgraça!

Vendo bem, só vos deixei com vida para não fazer uma grande desfeita ao cavaleiro com quem vos ides bater em duelo quando estiverdes recuperado.

Até qualquer dia!

Capitão Gualdim”

O fidalgo rasgou a carta, furiosamente, ficando depois exausto do

esforço despendido. A ferida devia ter reaberto, pois sentiu as ligaduras ensoparem-se de sangue. Não devia ter rasgado a carta com tal violência. Estava branco como um lençol.

Aflito, tocou a campainha e logo um criado correu, pressuroso. Olhou-o, espantado.

— Estais muito pálido, senhor! Desejais que chame o cirurgião?

— Sim. Chama-o e despacha-te, senão morro!

O rapaz desapareceu enquanto o diabo esfrega um olho.

Passado algum tempo já o arrogante fanfarrão descansava no leito e o cirurgião dormitava nos aposentos ao lado.

— Quando estiver bom, hei-de castigar e bem estes malditos criados, que não servem para nada. Aquele maldito mascarado podia ter-me matado se quisesse... É uma pena que ele não tenha mencionado o nome de D. Pedro de Castro. Se o tivesse feito, talvez o ministro o pudesse prender e assim ficaria com o caminho completamente livre para os braços da bela Laura. Como sempre, esse detestável capitão Gualdim foi mais esperto! Ah! Como gostaria de o matar com as minhas próprias mãos! Ainda não perdi de todo as esperanças de o fazer...

CAPÍTULO X

*A Madrid chamou a nobreza
Para a afastar de Portugal
Esperando, assim, Sua Alteza
Se esquecesse do nosso mal.*

Uma luxuosa carruagem cujos cavalos estavam encharcados de suor parou diante de uma estalagem que só com muito boa vontade se lhe poderia chamar assim. A tabuleta com a indicação do nome rangia, pendurada de um só lado, ao sabor do vento, e de tanta ferrugem não se conseguia ler palavra alguma. As paredes há anos que precisavam de uma boa caiadela. As argolas para prender os animais estavam a cair ferrugentas e os vidros (um grande luxo para a época) pareciam não ver água há meses.

Em frente à decrepita estalagem, que já devia ter tido melhores dias, existia uma taberna ruidosa, bem iluminada. Ouviam-se risos, choque de garrafas, e alguns palavrões à mistura.

Há já algum tempo que caíra a noite. A Lua aparecera tímida e algumas estrelas brilhavam no céu.

A estrada era estreita e apertada para tão grande carruagem. Se se cruzasse com outra, nenhuma delas conseguiria prosseguir caminho.

Um cocheiro fardado a rigor, devendo ter os seus quarenta e tal anos, saltou para o chão. Aproximou-se da porta da carruagem e bateu no vidrinho.

Uma jovem de vinte radiosos anos assomou à janelinha. Os cabelos castanhos caíam-lhe sobre os ombros em longos e sedosos canudos, que abanavam para um lado e para o outro, conforme os movimentos da cabe-

ça. Os olhos e a boca tinham uma expressão trocista, como se estivessem sempre a brincar, tornando-se, assim, simplesmente encantadores. A pele muito branca contrastava agradavelmente com o vermelho natural dos lábios de forma perfeita. Quando se ria, deixava ver uns dentes pequenos e certos. Um pequeno sinal perto do nariz arrebitado dava-lhe uma graça especial.

— Lamento, menina, mas temos de parar nesta estalagem por uns instantes, enquanto dou de beber aos cavalos. Andaram muito, estão sedentos e precisam de descansar um pouco.

— Ainda falta muito para chegarmos a casa da minha prima? Ela devia estar à minha espera durante o dia, e já é noite... — comentou ela, aborrecida. Cruzou as mãos no regaço. Ao seu lado, sobre o banco, descansava o chapéu bege de abas largas, com uma longa e bonita pluma verde. O vestido que envergava era de seda verde, com um decote bastante generoso.

— Eu sei, menina. Se não tivesse sido aquela maldita roda! Raios a partam! Já teríamos chegado a casa da vossa prima há muito tempo — e o cocheiro ia dando estalos com a língua, enfadado com o acontecido.

A jovem espreitou para a rua, curiosa.

— ... e enquanto eu não der de beber e comer aos animais, não arredam pé! Conheço-os bem! — continuou, com uma gargalhada. Olhou novamente para a sua senhora. — Esperai aqui um bocadinho que eu vou tratar dos cavalos. Não me demoro nada. E não vos preocupeis mais, menina; em meia hora chegamos a casa da menina Laura.

Cristina encolheu os ombros. Saltou para o chão, colocando o chapéu com desenvoltura. Era uma bela mulher, de formas cheias e um pouco mais baixa do que a prima.

— Talvez fosse melhor entrardes na estalagem para não vos verem sozinha na rua.

Cristina fez uma expressão de enfado.

— Entrar ali dentro?! Puf!! Nem pense nisso!

— A não ser que a menina queira esperar dentro da carruagem, enquanto cuido dos animais... — opinou o cocheiro, afagando os cavalos, com amizade.

— Que ideia, Jeremias. As cocheiras são sempre incrivelmente malcheirosas! Prefiro mil vezes ficar aqui. Pode ir descansado que nada de mal me acontecerá.

O homem dirigiu os cavalos para as traseiras da casa.

Ela olhou para a entrada, com ar de dúvida. Não sabia se deveria ou não entrar e esperar lá, sensatamente, até que o criado voltasse. Abanou a

cabeça, decidida. Não entraria naquela estalagem com tão mau aspecto. Ficaria na rua, olhando para as estrelas e apreciando a noite.

Laura deve estar bastante preocupada com a minha demora. Certamente pensa que uns bandidos me raptaram... Que emocionante serial!, pensou, com um sorriso traquina.

Entretanto, da taberna em frente, saíram quatro jovens fidalgos, bêbados que nem cachos. Cristina estava entregue aos seus emocionantes pensamentos e nem reparou neles.

Um deles estacou, fazendo com que os outros esbarrassem nele e quase caíssem por terra. Cambaleou, esfregando os olhos como se não quisesse acreditar no que via. Esticou o indicador direito e com gestos pouco seguros começou a contar.

— Uma... duas... três... Realmente são três!

É claro que o jovem borrachão estava a ver em triplicado, já que apenas se encontrava ali a prima de Laura. Voltou-se para os amigos.

— Nós somos quatro e elas são três. Bem... um de nós vai ficar sem companhia, e não vou ser eu... — afirmou, com uma gargalhada.

Os outros fitaram-no e depois fixaram a donzela.

— Estás a ver em bico, Álvaro! Só está ali uma donzela e, por sinal, bem formosa!

— O Álvaro é um borrachão! — censurou um de chapéu à banda. Empurrou o amigo, mas tropeçou nos pés e caiu com grande estardalhaço. Levantou-se a muito custo, diga-se em abono da verdade, e olhou para o outro lado da via. — Ah! Mas realmente são três donzelas...

— Não importa quantas são; o que é certo é que essa ou essas senhoras vão ser nossas. Se for apenas uma, como diz o nosso amigo Luís, ela chegará para os quatro. Nós somos amigos! Não é assim?

— Para que casa as levamos? — perguntou Álvaro, agarrando-se a um deles. — É melhor levá-las para casa do António, que é a que fica mais perto.

— Sim, sim, vamos ter com elas — concordou António, convencido que eram, pelo menos, duas jovens.

E dirigiram-se os quatro para junto dela, que esperava impaciente a chegada do cocheiro e da carruagem. Alheia ao que se passava à sua volta, nem reparou na divertida discussão entre os embriagados.

— Olá, linda donzela, não nos querereis fazer companhia durante umas horas? — inquiriu Luís, tocando-lhe no braço, com um sorriso encantado.

Cristina voltou-se de um salto e corou ao vê-los, escandalosamente

bêbados e com intenções pouco tranquilizadoras. Naquele momento não achava nada emocionante ser raptada por bandidos, mesmo que fossem fidalgos. Vá-se lá entender as mulheres!

— Quem vos deu autorização para me tocar?! Largai-me imediatamente, senão chamo a guarda! — barafustou ela, tremendo de indignação e tentando sacudir o braço das mãos de Luís, sem o conseguir.

Os outros três agarraram-na também, espantando-se por constatarem que era apenas uma mulher.

— Oh, largai-me! — gritou Cristina, empurrando um deles que a abraçava, enojada com o seu hálito. — Largai-me, seus bêbados! Olhai que eu grito por socorro!

Os quatro deram ruidosas gargalhadas, trocistas.

— Que difamação! Não estamos bêbados, só alegres. Podeis gritar à vontade, arisca donzela, que ninguém vos vem socorrer. Já estão todos a dormir e os que vos poderiam ouvir são os que se encontram na taberna e na estalagem e esses não estão dispostos a meterem-se em sarilhos por causa de uma menina assustada...

Por uns segundos fez-se silêncio só interrompido pelo barulho dos cascos de um cavalo que se aproximava a galope. Voltaram-se para ver de quem se tratava. Um vulto escuro surgiu diante deles, sobressaltando-os.

— Larguem-na imediatamente! — ordenou, puxando as rédeas do cavalo e saltando para o chão. Desembainhou a espada.

Os fidalgos entreolharam-se, aborrecidos.

— Vá-se meter com o ministro! Não vale a pena meter a unha nesta donzela. Ela não chega para tanta gente. Procure outra! — replicou Álvaro, desembainhando a espada a custo.

Os outros imitaram-no, enquanto Cristina recuava contra a parede, com os olhos a brilhar de emoção.

— Vamos, amigos, somos quatro contra um. Estamos em maioria e em poucos minutos venceremos este mascarado intrumetido!

Precipitaram-se sobre o capitão Gualdim, tentando apanhá-lo desprevenido, mas este, mais ágil, saltou para um lado, desferindo um golpe no antebraço direito de um deles.

Álvaro fechou os olhos, aflito, ao ver o sangue jorrar da ferida.

— Estou morto! Estou morto! Mataram-me! — gritou, com tanta energia que negava bem tais palavras.

Gualdim soltou uma gargalhada, divertido. Continuava a bater-se com os outros três ao mesmo tempo, evitando feri-los gravemente, pois bem via o grau de embriaguez em que se encontravam. Possivelmente,

no seu estado normal não atentariam contra a virtude de uma donzela. Cruzava a espada com um, ora cruzava a de outro, com uma velocidade assombrosa, deixando-os completamente atarantados. Passados uns escassos minutos, todos eles foram postos fora de combate, curiosamente, com a mesma ferida do amigo.

Cristina observara a luta, emocionada e excitada. A admiração que sentia por aquele destemido cavaleiro quase não lhe cabia dentro do peito.

O mascarado embainhou a espada e com o chapéu fez-lhes uma vénia exagerada.

— Sempre às ordens de vossas excelências...

— Vá mas é p'ró inferno!

— E faça companhia ao diabo!

O de chapéu à banda olhava espantado para tudo. Era a primeira vez que via a Lua a deslizar à sua volta, para não falar nas casas a dançarem... E as estrelas pareciam dar as mãos e saltavam como doidas. Que experiência mais estranha! A todo o momento esperava que a Lua se viesse sentar ao seu lado.

— Estou completamente a morrer, amigos! Nem passo desta noite, vocês vão ver!

— Oh, cala-te!

Com um sorriso trocista, Gualdim aproximou-se da jovem, tirando-lhe o chapéu com uma reverência elegante.

— Permitti pôr os meus serviços ao dispor de tão bela e graciosa donzela. Espero que esses lindos olhos jamais recordem o que viram aqui... — e pegando-lhe na mão, beijou-a, com a graça e o cavalheirismo que lhe eram peculiares.

Cristina baixou a cabeça, sorridente.

— É muita bondade sua, cavaleiro. Espero tornar a ver-vos mais vezes, para assim vos poder expressar toda a minha admiração e apreço.

— Farei os possíveis por satisfazer tão delicado pedido.

Nesse momento o cocheiro chegou, conduzindo os animais pelas rédeas, visivelmente mais satisfeitos. O homem estacou admirado ao ver Gualdim e os outros gentis-homens caídos no chão, encostados uns aos outros, atordoados.

De dentro da taberna ouviram-se vozes chamando pelos ausentes.

O mascarado virou-se para Cristina e para o empregado.

— A menina perdoai a minha rudeza por não vos acompanhar a casa da vossa prima. Apresento-vos as minhas mais sinceras desculpas. Cocheiro, leve a menina ao seu destino, o mais depressa possível!

— ordenou, dirigindo-se para o seu cavalo e aguardando de punho na anca a chegada dos que gritavam aos quatro ventos os nomes dos irmãos.

Três homens saíram para a rua. Berraram como uns possessos quando viram os irmãos mais novos estendidos por terra. Levantaram os olhos dando com o causador daquele desastre.

— Fostes vós quem fez isto aos nossos irmãos? — perguntou um deles, em ar de desafio.

O interpelado acenou afirmativamente com a cabeça, sorrindo, provocadoramente.

— Sou o culpado por tal aborrecimento e agora encontro-me à disposição de vossas senhorias...

Os fidalgos entreolharam-se, furiosos.

— Aceitamos o desafio os três juntos, pois de outra maneira seria desleal, já que conhecemos bem a vossa fama de espadachim e as nossas capacidades, como decerto perceberá, não estão a cem por cento. Contudo, nenhum de nós vos atacará pelas costas, pois as nossas nobres linhagens envergonhar-se-iam disso.

Gualdim desembainhou a espada, altivo, e esperou que os outros o imitassem.

— Aprovo as condições de vossa senhoria e começo quando estiverdes preparados.

Puseram-se em guarda.

Os ocupantes da taberna saíram para a rua, decididos a presenciar aquela luta. Os olhos abriam-se-lhes de pasmo e comoção, vendo a ligeireza com que um homem se livrava de três.

Cristina entrara na carruagem e observava a renhida luta através da janelinha.

A um sinal impaciente do justiceiro, o cocheiro arrancou com a carruagem, bastante aborrecido e relutante. Logo na altura em que a contenda estava tão emocionante! Levava uma Cristina também nada satisfeita por ter de abandonar tão excitante espectáculo.

O capitão Gualdim batia-se, valentemente, contra três bons espadachins.

— Saiba vossa senhoria que jamais me bati com tão perfeito espadachim — declarou um dos fidalgos, sem poder ocultar por mais tempo a sua admiração.

— E permita-me que vos diga, D. João da Cunha, que o senhor também não deixa nada a desejar como esgrimista... — retorquiu o masca-

rado, aplicando o seu famoso bote secreto no braço de um dos outros gentis-homens.

D. João da Cunha parou, perplexo. Não esperava ouvi-lo pronunciar o seu nome. Quase se deixou atingir da mesma maneira do amigo, se não tivesse tido presença de espírito.

— Lamento não poder retribuir, chamando-vos pelo vosso verdadeiro nome, senhor, pois tenho a certeza que já nos conhecemos...

O que fora ferido já desistira, convencido que nem uma dúzia de bons espadachins conseguiria vencer aquele soberbo adversário.

Gualdim lutava com os outros dois, sem demonstrar nenhum sinal de embaraço ou receio de ser ferido. Nenhum deles o conseguia apanhar a descoberto, visto a sua defesa ser intransponível. Lutava com a mão direita, mantendo a outra atrás das costas, como se de um simples treino se tratasse.

— Quanto a isso, nada posso responder a vossa senhoria, como decerto compreenderéis.

A espada do mascarado cruzava-se velozmente com a de um dos contendores e, unidas pelas extremidades, volteavam com uma rapidez assombrosa, provando bem a superioridade dos dois combatentes. Por fim, esse acabou por ser ferido também, afastando-se e apertando o braço com a mão.

— Só não percebo como pessoa tão nobre ousou ferir quatro jovens inexperientes e embriagados — observou D. João, arfando de cansaço. A sua espada aplicou uma estocada a fundo, que logo foi desviada com firmeza e rapidez.

— Pois informo vossa graça de que só me limitei a preservar a honra de uma donzela desamparada, da mais nobre linhagem, e que se via na iminência de perder a sua virtude, devido ao procedimento desses mesmos quatro jovens...

Aquelas palavras colheram de surpresa o gentil-homem, que, sem saber como, se viu desarmado. Empalideceu, mas não pediu misericórdia, orgulhoso como era. Esperou ser ferido, mas isso não aconteceu.

Gualdim apoiou a ponta da espada no chão e esperou que ele agarrasse na sua.

D. João pegou na espada e, perante o pasmo de todos, embainhou-a, ainda muito pálido. Aproximou-se do adversário, fez-lhe uma vénia respeitosa e estendeu-lhe a mão.

— Rendo-me. A vitória é vossa e é minha a desonra! Recuso-me a bater-me com tão nobre adversário e só me resta agradecer o castigo que destes ao meu irmão e aos seus amigos. Só lamento não ter sabido disso

antes, pois não teria cruzado a espada com tão magnífico espadachim. A partir de hoje, tendes, na minha insignificante pessoa, um amigo que estará sempre ao vosso dispor.

Gualdim embainhou a espada e apertou-lhe a mão, com um sorriso de amizade sincera.

— Retribuo as mesmas palavras, senhor cavaleiro. Desejo as melhoras para os vossos amigos, lamentando o mal-entendido — declarou, agarrando o chapéu do chão e colocando-o na cabeça. Saltou para o cavalo e, com um aceno de despedida, desapareceu.

D. João da Cunha aproximou-se dos amigos.

— E vocês, seus libertinos desavergonhados, levantem-se! Os vossos actos cobriram-me de vergonha! Desandem daqui, antes que vos corra aos pontapés, para aprenderem a não tocar no cabelo de uma donzela, bêbados ou são! Que procedimento desprezível o vosso!

Os espectadores comentavam entre si o ocorrido e iam-se separando, com os olhos a brilhar de admiração.

Entretanto, a descarada Cristina chegava a casa da prima. Saltou para o chão, sem aceitar a mão que o cocheiro lhe estendia. Apesar de ser noite, o que viu do palacete agradou-lhe plenamente.

Um par de criados acorreu, pressuroso, ao ouvir a carruagem.

Cristina entrou dentro de casa, muito sorridente. Ainda sentia o coração todo alvoroçado do que presenciara. Não parecia nada cansada de tão longa e extenuante viagem.

D. Fernando levantou-se, sorrindo encantado.

— Ora, viva, minha querida Cristina! Para dizer a verdade, já não a esperávamos esta noite. Ficámos preocupados com a sua demora, mas calculámos que, sensatamente, haveria de pernoitar nalgum albergue — comentou, beijando-a carinhosamente. — Fez boa viagem?

— Nem queira saber, tio! — respondeu Cristina, com um sorriso divertido. Nisto, olhou em volta, admirada. — E Laura? Onde é que está? Já se recolheu?

D. Fernando sorriu e deu-lhe o braço, encaminhando-a para o sofá.

— Sim, minha filha. Esperou-a ansiosa, mas depois convenci-a de que já não deveria regressar esta noite e lá se foi deitar. Pobrezinha! Estava terrivelmente preocupada e aflita. Felizmente, acatou depressa o meu conselho — informou, pegando-lhe nas mãos e dando-lhe palmadinhas afectuosas. — Que bonita rapariga se fez, minha querida. Imagino os corações destroçados que deixou em Évora...

A jovem soltou uma gargalhada.

— O tio continua o mesmo trocista de sempre...

— Lamento que não tenha tido um mais caloroso acolhimento. Habitualmente esta casa não está tão parada. Raro é o dia em que não temos visitas até altas horas da noite. Mas, depois de Laura se recolher, D. Pedro de Castro e os seus amigos saíram também. Irão sentir-se mortificados ao saberem que não se encontravam cá para a receber com todas as honras.

Cristina ouvia-o, tentando disfarçar a impaciência. Estava desejosa de lhe contar as emocionantes peripécias que vivera.

— Aconteceu-me uma coisa engraçada, tio. Enquanto o cocheiro dava de beber aos cavalos, quatro fidalgos embriagados meteram-se comigo. O que me havia de acontecer no primeiro dia que chego a Lisboa! Quando pensava que iria ser raptada por aqueles homens, apareceu um outro, muito valente, mascarado e todo vestido de negro...

— O capitão Gualdim! Realmente, esse homem está em todo o lado...

— É muito corajoso, não acha, tio? — perguntou Cristina, com ares sonhadores. Sentia-se verdadeiramente apaixonada pelo cavaleiro mascarado. Por esse, sim, não se importaria mesmo nada de ser raptada.

— E o teu pai, minha filha? Continua em Madrid?

— Sim, tio. Coitado do paizinho! Nas cartas que me manda, diz que está farto de lá estar e parece que com quase todos os outros acontece o mesmo.

Em meados do passado ano, haviam sido chamados a Madrid algumas das mais influentes personalidades do reino, recebendo indicação d'el-rei para se demorarem na corte, enquanto não houvesse ordens em contrário. A ideia de Olivares era bastante clara. Com o fim de extinguir definitivamente o que restava da autonomia de Portugal, reduzindo-a a uma simples província espanhola, concebeu um maquiavélico plano que consistia em tirar de Portugal as cabeças mais perigosas para o seu projecto. A pretexto de querer consultar tão importantes personagens, começou a chamá-las por diferentes grupos, para evitar a desconfiança dos portugueses. Com o passar do tempo e percebendo que Filipe IV nada mais pretendia do que mantê-los longe da pátria, começaram os intimados a sentir uma surda revolta e forte ódio contra el-rei e seu ministro. Este continuava a preparar tudo muito bem para não encontrar resistência quando chegasse o tão desejado momento de subjugar Portugal pela força das armas. Despejara o reino de soldados e enviara-os para Espanha. Ainda não contente com isso, ordenara que um almirante castelhano se apoderasse dos galeões *Santa Teresa* e *S. Baltazar*, ancorados no Tejo. Lançara impostos em cima

de impostos, forçara empréstimos, confiscara o quinto dos rendimentos das casas de Bragança, Vila Real e Aveiro. Desta maneira ardilosa privava o reino de possíveis chefes, de braços e recursos financeiros, procurando extenuar por completo os portugueses, esperando reduzi-los ao silêncio mudo dos que já não têm forças nem coragem para resistir.

D. Fernando pensava em tudo isto, de semblante fechado.

— Compreendo-os bem...

Cristina voltou-se, alegremente. O seu temperamento não lhe permitia ficar triste por muito tempo.

— E o tio? Não voltaram a chamá-lo?

O fidalgo sorriu com ar matreiro.

— Sim, mas continuo muito doente... — comunicou, com um piscar de olhos. — Assim me tenho livrado do destino dos infelizes que não podem arredar pé de Madrid.

A jovem riu-se, beijando-lhe as mãos com carinho e admiração.

— O tio é uma verdadeira raposa! Só tenho pena que o meu pai não se tivesse lembrado dessa desculpa também...

D. Fernando apertou-lhe as mãos com força e os olhos brilhavam-lhe de um modo muito especial. Lágrimas de esperança teimavam em aparecer.

— Não se preocupe, minha filha. Um dia, todos estes vexames irão terminar. Deus não se esqueceu de nós. Olivares e o seu rei têm pisado e espezinhado tanto Portugal, que um dia este se levantará e dará a devida paga por tantas humilhações e sofrimento...